

JOSÉ A. S. ROCHA

CONTRA A TIRANIA:

REPENSANDO A SERVIDÃO
VOLUNTÁRIA.



SUA FEIRA DE LIVROS

JOSÉ A. S. ROCHA

CONTRA A TIRANIA:

REPENSANDO A SERVIDÃO
VOLUNTÁRIA.



SUA FEIRA DE LIVROS

CONTRA A TIRANIA:

REPENSANDO A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA.

Colaboradores da obra:

Orientador

Prof. Me. Renalvo Cavalcante da Silva

Examinadores

Prof. Esp. José Carlos Pessoa de Melo

Prof. Dr. Talvanes Eugenio Maceno

Prefácio:

Fernanda Andrade Silva

Wesley Santana Santos

Editoração:

Luzia Ferreira da Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, José A. S.

Contra a tirania [livro eletrônico] : repensando a servidão voluntária / José A. S. Rocha ; [orientador Renalvo Cavalcante da Silva ; examinadores José Carlos Pessoa de Melo, Talvanes Eugenio Maceno ; prefácio Fernanda Andrade Silva, Wesley Santana Santos ; editoração Luzia Ferreira da Cruz. -- Arapiraca, AL : Sua Feira de Livros, 2025.

PDF

ISBN 978-65-988057-0-8

1. Liberdade 2. Liberdade (Filosofia)
3. Obediência 4. Resistência I. Silva, Renalvo Cavalcante da. II. Melo, José Carlos Pessoa de. III. Maceno, Talvanes Eugenio. IV. Silva, Fernanda Andrade. V. Santos, Wesley Santana. VI. Cruz, Luzia Ferreira da. VII. Título.

25-286984

CDD-123.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Liberdade : Filosofia 123.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DOI: 10.5281/zenodo.16368917

Mas, refletindo bem, é a maior desgraça estar sujeito a um soberano cuja bondade nunca se pode ter certeza e que tem sempre o poder de ser mau quando quiser.

(LA BOÉTIE, *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*. 1549).

PREFÁCIO DO AUTOR

Meu primeiro contato com *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, de Étienne de La Boétie, aconteceu em 2014. Desde as primeiras páginas, fui arrebatado pela atualidade e ousadia de um texto escrito em 1549. Uma pergunta insistente ecoava em minha mente durante a leitura: *Por que servimos aos poderosos?* A inquietação provocada por essa obra se somava a outras reflexões que eu já desenvolvia, influenciado por diversos autores que também abordavam os mecanismos da dominação. A cada novo estudo, eu me via mais questionador, mais inquieto diante da passividade coletiva diante da opressão.

Essas reflexões se tornaram centrais na minha vida acadêmica. Em 2017, transformei essa inquietação no tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. No entanto, por diversos motivos, esse trabalho permaneceu guardado por anos, invisível, restrito a uma pasta esquecida em meu computador.

Agora, sete anos depois, decido finalmente compartilhar essas ideias com o público. Publicar este livro é um ato político, um gesto de resistência. A servidão não terminou, e a tirania continua presente — não apenas sob a figura de um ditador armado, mas nas mais sutis formas de poder que nos conduzem à obediência voluntária. La Boétie nos alerta: somos, muitas vezes, cúmplices da nossa própria submissão.

Ao tornar esta obra acessível, meu desejo é que ela provoque questionamentos profundos. Que você, leitor ou leitora, também se pergunte sobre os mecanismos que nos mantêm dominados. Que reflita sobre o papel da nossa classe na manutenção ou na ruptura desse sistema. Que este livro seja um convite à consciência, à ação e à luta.

Não naturalize a opressão. Não seja cúmplice da tirania. Questione, resista, transforme!

José Aparecido da Silva Rocha

Mestre em História

PREFÁCIO I – Comentário sobre a obra

É com grande alegria e profunda admiração que recebo o convite do professor José Rocha, amigo de longa data, para escrever as palavras que antecedem esta obra: *Contra a tirania: repensando a servidão voluntária*. Inspirado na obra clássica de Étienne de La Boétie, esta obra nos convida a reflexão crítica sobre os mecanismos que sustentam a opressão e desigualdade.

Com clareza e profundidade, a obra traz uma análise histórica e filosófica, abordando conceitos como tirania, cumplicidade e servidão. Buscando superar as antigas formas de dominação, esta obra busca elucidar o leitor, instigando o pensamento crítico sobre outras formas de relações sociais desenvolvidas ao longo da história, é escrita pelo olhar de um autor atento e inquieto de quem se recusa a aceitar as injustiças sociais como normais.

Contra a tirania é um livro necessário, que nos traz lucidez sobre o lugar que ocupamos na sociedade e, acima de tudo, a não aceitar o inaceitável. Espero que esta

obra sirva como uma centelha capaz de acender em nós a chama do pensamento crítico.

Wesley Santana Santos

Mestrando em História

PREFÁCIO II – Comentário sobre a obra

Quando uma pesquisa nasce e é posta em prática em forma de um texto, ela é o fruto do entusiasmo de um pesquisador, dedicação presente na obra *Contra a tirania – Repensando a servidão voluntária*. A apreciação desta obra nos traz a reflexão de um tema imprescindível nos dias de hoje frente às desigualdades sociais e as condutas morais individuais.

Este livro traz de forma nítida a dimensão do pensamento de Étienne de La Boétie, autor que aborda questões sobre a sujeição do povo diante de regimes tirânicos. José Rocha, o autor do presente livro, descreve de forma gentil e didática como o contexto histórico e a filosofia podem influenciar o pensamento político, sempre lembrando da importância de refletirmos sobre a aceitação voluntária da dominação.

Este exemplar se destina a todos que apreciam a reflexão crítica: docentes, estudantes e leitores ávidos. É leitura vital para quem busca compreender de que forma as estruturas de poder continuam existindo ao longo do tempo; e como podem ser dissolvidas.

Ao concluir, a obra nos traz não apenas uma intelectualidade filosófica, também indignação. Porém, não uma indignação vã, mas sim aquela que nos incita mudanças, que nos leva a refletir sobre o mundo e nos

questionar: por que obedecemos? E até quando? Ótima leitura a todos e todas, que essa leitura traga contemplação e libertação.

Fernanda Andrade Silva
Mestra em Ensino de História

INTRODUÇÃO

O conceito de servidão voluntária, elaborado pelo autor francês Étienne de La Boétie (1530-1563), no livro *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, escrito em 1549, no contexto histórico do século XVI, traz consigo o preceito que é possível resistir à tirania, sem, contudo, fazer uso da violência. Na obra, La Boétie (2009), aborda que nos estágios primitivos da humanidade, os seres humanos faziam prática da amizade sem a necessidade de subjugar uns aos outros, diante da ausência de relações servis. O conceito de amizade em La Boétie remete ao sentido de igualdade impregnado pelos vínculos com o humanismo renascentista.

De acordo com a concepção do autor, as relações de igualdade foram rompidas com o surgimento do Estado personificado no tirano, o grande colosso. Para o autor francês, tirano é todo aquele que assume a representação do Estado como símbolo máximo da desigualdade, instituindo a servidão através do mecanismo do hábito, covardia e cumplicidade. La Boétie afirma que o tirano

utiliza da tradição para garantir que tudo permaneça naturalizado através do hábito. A covardia se faz presente como mecanismo da servidão, quando o tirano consegue retirar as forças dos súditos, fazendo-os temê-lo e abdicar de sua capacidade de reivindicação que poderia romper com a dominação. Através da cumplicidade, o tirano obtém o apoio que precisa para assegurar seu poderio.

Os vínculos com os mecanismos da servidão voluntária podem ser superados na concepção de La Boétie (2009), primeiramente através do uso da consciência para compreender os males sofridos pela população, colocando em prática a amizade. A segunda possibilidade de superar a servidão consiste na recusa em servir para destruir a base de sustentação do tirano, que saído do nível de igualdade, coloca-se em nível hierárquico, fazendo dos demais não amigos, mas súditos que devem seguir suas ordens. Diante de tais possibilidades, questiona-se se poderia a servidão voluntária ser superada com a prática destes meios.

Este debate acerca do engendramento da servidão com caráter voluntário na concepção de La Boétie expõe a possibilidade de rompimento dos vínculos com a opressão, levando seu conceito ao paradoxo que coloca ‘vontade’ e ‘servidão’ no mesmo nível de compreensão, ainda que estas representem significados antagônicos.

A análise acerca do contexto histórico em que a obra foi produzida e a concepção de estado de natureza em oposição a Hobbes, Rousseau e Maquiavel, compreendem o primeiro capítulo deste estudo, juntamente com a concepção marxiana a respeito da origem do Estado. O debate se faz presente quanto à necessidade da criação do Estado enquanto instituição em detrimento das relações de igualdade compreendidas por Étienne de La Boétie no *estado de natureza*.

O segundo capítulo realiza um estudo sobre a obra *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, e promove uma análise sobre mecanismos para o engendramento das relações servis, como o hábito, a covardia, a cumplicidade além da prática do pão e circo, comum desde a

antiguidade. O homem, enquanto individuo oprimido, é compreendido nesta segunda parte do estudo, como participante isento de passividade no que condiz à participação no paradoxo da servidão voluntária.

Por último, o terceiro capítulo analisa as possibilidades de romper com a dominação, segundo os preceitos de La Boétie. O desafio para a derrocada do grande colosso ocupa lugar privilegiado na terceira parte do estudo. As condições objetivas entram em contraponto com o ideário humanista, presente na concepção do autor, como forma de promover uma análise prática de seu método de superação.

O presente estudo fez uso, basicamente da obra de Étienne de La Boétie, de autores contratualistas e além de artigos que serviram para compor a base da pesquisa bibliográfica deste trabalho. A abordagem metodológica deste trabalho faz uso da concepção materialismo histórico e dialético para compreender o conceito de servidão voluntária como fruto das relações sociais do período em que se deu a escrita da obra.

Deste modo, as expectativas da análise da obra *Discurso sobre a Servidão Voluntária* repousam sobre o esclarecimento que o tema, possa despertar a consciência crítica e servir para o entendimento que é possível resistir à opressão, conforme a abordagem do autor. Contudo, se neste primeiro instante, o estudo sobre o conceito de servidão voluntária e seus respectivos mecanismos não promover a destruição do gigante colossal, que ao menos, promova a prática da amizade e companheirismo, como o repúdio à imposição tirânica nas relações verticais, para com o povo subjugado.

Portanto, este livro tem por objetivo estudar o conceito de servidão voluntária em Étienne de La Boétie, tendo em vista o contexto histórico (séc. XVI) que coloca em xeque a eficácia da proposta de superação com a análise de suas limitações filosóficas, históricas e de classe.

VIDA E TEORIA DE ETIENNE DE LA BOÉTIE

“Por isso, a meu ver,
não só nascemos com ela [liberdade],
Mas também, com a paixão para defendê-la”.
(La Boétie)

No presente capítulo realizar-se-á um estudo sobre o contexto histórico em que se deu a produção da obra *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, de Etienne de La Boétie e a concepção de autores contratualistas acerca da origem do Estado. Nesta análise, far-se-á, presente o ideário do Humanismo Renascentista em que o autor, imbuído da concepção de valorizar o homem em sua essência, transparece no desenvolver da obra e marca todo seu pensamento.

A elaboração deste capítulo contou com fontes bibliográficas como artigos e livros que estudam a obra como fruto do contexto histórico do século XVI, sendo de importância fundamental para a compreensão da época em que a obra fora escrita. Neste texto, realiza-se uma análise sobre a concepção de *estado de natureza e origem do*

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Estado, junto a semelhanças e divergências entre a visão de La Boétie e autores que formam o corpo desta primeira parte.

ETIÉNNE DE LA BOÉTIE: SUJEITO NO TEMPO

O século XVI foi marcado, no plano filosófico, pelo Humanismo Renascentista que objetivava resgatar a cultura greco-romana, considerada como o berço da civilização ocidental (RABELO, 2009) como modelo a ser praticado e a valorização da dignidade humana em seu potencial natural como meta intelectual (ALEKSANDROWICZ; MINAYO, 2005). Os escritores do século XVI externavam seu otimismo e orgulho com a redescoberta da antiguidade clássica e a rejeição à barbárie dos conflitos, demonstrando uma nova perspectiva no que condiz à busca de como seria o modelo ideal de governo (PRICE, 2016).

Segundo Linarth (2009), o período foi marcado por inúmeras disputas religiosas, a partir da investida de

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Martinho Lutero contra a Igreja Católica. O apoio à Igreja de Roma levou a monarquia francesa, tradicionalmente católica, a considerar o protestantismo como uma ameaça às suas bases seculares e religiosas (PRICE, 2016), diante do crescente número de adeptos. Neste período, marcado por conflitos religiosos e contrastes provocados pelo surgimento embrionário do Estado moderno francês, diante da crise do Estado Feudal, eram perceptíveis os ares da mudança que viriam com o absolutismo (MURARO, 2012).

Foi neste cenário, no Perigord, França, que nasceu Étienne de La Boétie (1530-1563). Proveniente de uma família de magistrados da província, filho de Antoine de La Boétie, assistente da casa real de Perigord e de Philippe de Calvimont, irmã do presidente do Parlamento de Bordéus, Jean de Lhern. Teve sua infância marcada pelo convívio entre magistrados e parlamentares. Após a morte de seu pai, ainda na infância, ficou aos cuidados de seu tio, Estienne de La Boétie, um eclesiástico que amava o Direito e as Letras Clássicas, levando La Boétie a ter

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

contato com literatura clássica e Teologia (FABRE, 2009; LINARTH, 2009).

Este convívio levou-o a aprofundar-se sobre o movimento do humanismo renascentista, sob a influência do cardeal Nicolò Gaddi que sonhava em fazer de sua diocese uma “Atenas Perigordiana” (FABRE, 2009). Foi deste momento vivenciado pela Europa e em especial, pela França, que La Boétie extraiu seus conceitos republicanos sobre a sociedade ideal com base na Antiguidade Clássica (LINARTH, 2009).

Aos 18 anos, enquanto estudante na Universidade de Orléans, uma das mais notáveis da época, La Boétie passa a se dedicar aos estudos jurídicos, sendo que o direito atravessava um período de amplo desenvolvimento na França. Foi neste período que escreveu o *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, possivelmente com influência das aulas de Anne du Bourg, seu professor (LINARTH, 2009). Bourg costumava censurar as ações do rei enquanto professor na Universidade de Orléans e conselheiro no Parlamento de Paris, e foi condenado à força por criticar a

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

perseguição que Henrique II promovia aos huguenotes (FABRE, 2009).

Clastres (2004) e Rabelo (2009) concordam que a redação da obra se deu em 1549, pouco tempo após o autor presenciar a repressão real que se abateu no Sul da França na região de Bordéus com a instituição de um novo imposto sobre o Sal, a Gabela (*Gabelle*), sob o reinado de Henrique II. De acordo com Chauí (2014), os camponeses decidiram não pagar um novo imposto, e mesmo que não o soubessem, reagiram contra evidências da implantação do que foi conhecido como fisco moderno. A população que lutava contra o fisco moderno, provocando a ira de Henrique II, que após um curto período de rebeldia popular contra os fiscais que fixaram o novo valor do sal, enviou tropas que se encarregaram de demonstrar com violência desproporcional a presença do monarca e que seus súditos e que lhe deviam obediência.

Na ocasião, La Boétie observou a violenta repressão acometida sobre o povo e utilizou este acontecimento para elaborar sua visão sobre o tirano na pessoa do rei,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

expressando sua concepção na obra *Discurso sobre a Servidão Voluntária* (CLASTRES, 2004). Em 1553, La Boétie torna-se bacharel em direito e por ter influência e boa reputação como poeta, tradutor de Plutarco e Xenofonte, recebe o convite de Henrique II para tornar-se Conselheiro no Parlamento de Bordéus, substituindo Guillaume de Lur, conhecido como Longa. Neste período revisou completamente a obra. Por ironia ou não, La Boétie torna-se funcionário do “tirano” que anos antes, reprimiu a população que se levantou contra a *Gabelle* (CHAUÍ, 2014), enquadrando-se entre os servos por cumplicidade.

La Boétie assume o cargo de conselheiro em 17 de maio de 1554, no mesmo ano em que se casa com Marguerite de Carle, viúva do irmão de Michel de Montaigne. A amizade com este, acompanharia pelo resto de sua vida, sendo imortalizada no texto *Sobre a Amizade*, em homenagem a La Boétie. O cargo de conselheiro fez com que tivesse a incumbência de ser mediador em conflitos e estabelecer negociações entre católicos e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

protestantes. Obtendo êxito nos entendimentos com as facções religiosas, adquiriu notoriedade e o fez ser visto com prestígio após a publicação de Memórias sobre o Editto de Janeiro, em 1562, no qual defende a política de tolerância e o caráter danoso da repressão violenta (LINARTH, 2009).

Em 1563, La Boétie adoece, e com sua saúde agravada, deixa em testamento seus livros e escritos para o amigo Michel de Montaigne, falecendo no dia 18 de agosto de 1563, pouco antes dos 33 anos. *O Discurso sobre a Servidão Voluntária* permaneceu integralmente escondido durante toda sua vida (NUNES, 2005). Anos após sua morte, Montaigne decide publicá-lo e tomar posicionamento frente às publicações piratas anônimas impressas entre 1574 e 1579 sob o título *Defesa da Liberdade Contra os Tiranos*. Parte do discurso foi utilizada pelos huguenotes contra o Rei Carlos IX e sua mãe Catarina de Medicis, aos quais fora atribuída a culpa pelo massacre na noite de São Bartolomeu em 1572. (BURKE, 2006; LINARTH, 2009).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Em agosto de 1570, Montaigne vai até Paris, levando os manuscritos de La Boétie para impressão, entretanto, deixa de fora o *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, por achar inconveniente para a publicação naquele momento tão conturbado.

A preocupação de Montaigne em não associar o nome do amigo à incitação de violência presente nas publicações clandestinas, o levaram a publicar a obra de La Boétie como um capítulo do livro *Ensaio* em 1580 (LINARTH, 2009) e afirmar, posteriormente que o texto de La Boétie, se tratava apenas de um mero exercício juvenil, na tentativa de não vincular o nome do jurista, funcionário da monarquia francesa ao episódio da *Gabelle* e *Noite de São Bartolomeu* (CHAUÍ, 2014).

Considerada a riqueza da obra, de La Boétie, compreende-se que o livro não oferece uma leitura homogênea, nem tampouco está preso ao tempo que se deu a escrita, mas transparece todas as inquietações e limitações de seu tempo (PAULA; MARANHÃO, 2009).

ESTADO DE NATUREZA EM LA BOÉTIE

La Boétie acreditava que havia possibilidade de uma sociedade igualitária sem as relações de mando e obediência terem existido, ainda que os homens não se recordassem dela. Entretanto, o autor não demonstrava esperança de retorno às origens dos homens em seu estado natural (CLASTRES, 2004). O período compreendido como *estado de natureza* é referente ao tempo em que os homens viviam em nível de liberdade e igualdade (LA BOÉTIE, 2009).

Portanto, na concepção de La Boétie (2009) se a natureza fez todos iguais e criou todos da mesma forma e com a mesma fôrma, para mostrar que todos são companheiros e se na distribuição de dons, concedeu a uns uma vantagem a mais que aos outros, não foi com a incumbência de fazer que os homens mais fortes tiranizem os mais fracos, mas dar espaço à afeição fraterna sem que um seja considerado maior ou melhor que os outros.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

O *estado de natureza* é o período anterior ao que Clastres (2004) denomina como “mau encontro”. Este infortúnio, descrito tanto na obra de La Boétie (2009) quanto de Clastres (2004) deturpou a natureza humana e instaurou a relação de mando e obediência com a instituição do Estado, rompendo os vínculos naturais, culminando com a desigualdade e servidão.

O mau encontro estabeleceu uma sociedade dividida, rompendo os vínculos de igualdade e liberdade, estabelecendo a servidão voluntária tão criticada por Clastres (2004) em concordância com a obra de La Boétie, no que condiz ao que:

Desnaturou o homem ao instituir na sociedade uma divisão tal que dela é banida a liberdade não obstante consubstancial ao ser primeiro do homem. O sinal e a prova dessa perda da liberdade são constatados não apenas na resignação à submissão, mas bem mais claramente, no amor à servidão. (CLASTRES, 2004, p.109).

A instauração do Estado, personificado na figura do soberano, sendo, o tirano em La Boétie (2009), que fez

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

surgir também uma rede de cúmplices, que compactuam entre si as rapinas do grande tirano. A relação da rede de tiranias subverte a originalidade do *estado de natureza* igualitário, usurpando a dignidade de homens e mulheres, concedendo-lhes o jugo da obediência.

O processo que especifica a relação de cumplicidade é expresso na obra de La Boétie ao relatar que:

Assim que um rei se declarou tirano, tudo o que é ruim, toda escória do reino – não falo de um punhado de ladrõezinhos e de patifes que não podem fazer nem mal nem bem num país, mas dos que são possuídos por uma ambição intensa e uma avidez notável – reúne-se ao redor dele e o apoia para participar do butim e se tornar pequenos tiranos sob o grande tirano. (LA BOÉTIE, 2009, p. 63).

Os cúmplices são os responsáveis por propagar a tirania em toda vastidão da sociedade. Por este motivo, o tirano só tem poder na concepção de La Boétie (2009), porque há entre os dominados alguns que procuram servir ao tirano, que diante de uma espécie de corpo monstruoso,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

é erguido um grande colosso, pela cumplicidade entre tirano e tiranizados (CHAUÍ, 2014).

A relação entre tirano e seus aliados ocupa amplo espaço de discussão na obra de La Boétie (2009) e expressa o caminho alterado pelas relações servis, em oposição ao que condiz à originalidade do *estado de natureza*. Restando a homens e mulheres esforçarem-se para manter a recusa em servir e fazer que prevaleça a harmonia na sociedade em detrimento às relações hierárquicas. Esta condição aproximaria dos aspectos vivenciados no *estado de natureza* (CLASTRES, 2004).

Seguindo pelo pensamento de Clastres (2004), a obra de La Boétie, expõe duas inquietações: A primeira, na visão do autor, é o questionamento sobre como se deu a desnaturação e divisão dos homens através de um “mau encontro”. A segunda questão é como a desigualdade se reproduz, ou seja, como este infortúnio se perpetua a ponto de parecer natural e eterno? Não compreendendo qual a fatalidade que perverteu a natureza do homem a ponto de

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

fazê-lo perder a memória de seu ser primitivo (CHAUÍ, 2014).

Chauí (2014) considera que La Boétie não faz um aprofundamento a respeito da primeira questão. Já em relação ao segundo questionamento, Clastres (2004) e Sousa (2013), afirmam que o “mau encontro” citado por La Boétie (2009), foi fruto da ação humana configurada já em sociedade: a criação do Estado (CHAUÍ, 2014). Esta instauração, por sua vez, alterou a relação igualitária fazendo com que os homens sentissem indiferentes com a própria liberdade, passando então a identificar-se com a servidão e perpetuando-a geração após geração.

Desta forma, a servidão não é eterna, pois, teve um início e não acompanhou o homem desde sua origem. Caberia, portanto, aos homens lutarem para reconquistar a liberdade e defendê-la em nome da dignidade humana (SOUSA, 2013). É importante compreender que La Boétie não se prolonga no debate quanto à naturalidade da liberdade, expressando-se com a afirmação: “[...] de nada adianta debater se a liberdade é natural” (LA BOÉTIE,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

2009, p.38)., não há nada mais evidentemente e antinatural que a injustiça.

A defesa da liberdade em La Boétie (2009), em repúdio à servidão, assume caráter de extrema necessidade quanto ao apelo do autor quando diz que não pediria tão vivamente para recuperar a liberdade se custasse alguma coisa, pois, nesta perspectiva, não existe nada mais caro para os homens do que readquirir o seu direito natural.

Considerando a liberdade um caráter sagrado e direito inviolável, La Boétie (2009), defende que se os homens vivessem sob os direitos naturais, estes seriam naturalmente obedientes aos pais, sujeitos da razão e escravos de ninguém. Esta observação de La Boétie coloca a obediência aos pais como a única e legítima, sendo que “[...] todos os homens reconhecem, sem outra advertência a não ser a da natureza, a obediência que cada um deve a seu pai e sua mãe” (LA BOÉTIE, 2009, 37).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

La Boétie (2009) diz que, se:

Os médicos aconselham a não pôr a mão em feridas incuráveis, e eu talvez não seja ponderado em querer exortar um povo que parece ter perdido há muito tempo o conhecimento de seu mal, o que mostra de sobra que a sua doença é mortal. Procuremos, entretanto, compreender, se for possível, como essa vontade obstinada de servir criou raízes tão profundas que se julgaria que o próprio amor à liberdade não é natural. (LA BOÉTIE, 2009, p. 37).

Sendo, em sua concepção, portanto, a liberdade avessa à servidão, La Boétie (2009) acredita que há na alma humana um germe natural da razão. Este germe é o que conduz os homens ao desejo da liberdade. O senso de razão desenvolve-se diante da virtude, porém, na maioria das vezes é abortado diante dos vícios que sobrevêm, corrompendo o instinto natural.

Ser livre, para La Boétie é ter o direito a promover a recusa, levantar-se contra toda forma de opressão (CHAUÍ, 2014). Compreende-se, portanto, que

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

na concepção de La Boétie (2009) homens e mulheres não só nasceram com a posse da liberdade, mas com a obrigação de defendê-la.

Desta forma, se a natureza, que fez todos iguais, não destinou a humanidade à servidão, e muito menos já teria posto alguém no âmbito de servir, mas reuniu todos em companhia, afim de que cada um pudesse olhar-se e assim reconhecer-se no outro (LA BOÉTIE, 2009).

Se para La Boétie, foi a origem do Estado que rompeu as relações igualitárias, o oposto é compreendido na concepção de Hobbes (1588-1679). Para Hobbes (2009), *estado de natureza* apresenta-se como uma permanente desordem que seria causada pela expressão dos desejos humanos e culminaria com a “guerra de todos contra todos”. Escrito pouco mais de um século após a redação da obra de La Boétie, o livro *Leviatã* traz consigo uma ampla defesa do poder do soberano enquanto Estado em detrimento das relações e supressão dos desejos naturais (SILVA, 2004).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

De acordo com Hobbes (2009), é o Estado que garante a organização e a harmonia da sociedade. A existência de um monarca forte é o que marca a obra de Hobbes, tendo como finalidade, segundo Lefort (2005), preservar os homens do perigo da autodestruição. Para Stangroom; Garvey (2009), em Hobbes, o *estado de natureza*, que na concepção de La Boétie (2009) é caracterizado pela igualdade e liberdade, é expresso de forma sombria, com demasiado pessimismo sobre a natureza dos homens.

Newman (2011), completa que em Hobbes (2009) não é natural que os homens vivam em outra condição a não ser abaixo da soberania do monarca, sendo antinatural a ausência deste. Para Hobbes, de acordo com Bird (2011), a criação do Estado e a personificação do monarca dão-se após um acordo entre os homens, diante da necessidade de reger a sociedade e promover o equilíbrio entre homens e mulheres no seio social.

La Boétie (2009), por sua vez, ignora o aspecto do pacto social em sua obra, e destina sua crítica ao

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

rompimento das relações que promoveram a origem do tirano, bem como sua maior preocupação em expressar os efeitos da servidão. O pacto ou contrato social, expresso na obra de Hobbes (2009), fez surgir uma entidade, personificada no soberano, que atua em nome do coletivo sobre todos os homens na figura do Estado enquanto instituição.

O acordo coletivo fez os homens renunciarem o direito de se defender como bem escolherem, com a condição de que todos os outros farão o mesmo, aceitando por outro lado, o poder do soberano como tendo autoridade sobre eles. Submetendo não apenas um nem dez homens, mas uma nação inteira sob seu mando (HOBBS, 2009).

Stangroom; Garvey (2009) listam que a obra de Hobbes, *Leviatã*, é marcada por três leis ou conclusões que qualquer pessoa, vivendo em estado de Natureza poderia chegar para superá-lo e alcançar a proteção do soberano. A primeira consideração define que a racionalidade e o medo da morte, seriam fundamentais para que homens e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

mulheres desejassem sair do *estado de natureza* para por fim, alcançarem vidas melhores com segurança.

O segundo conceito é referente ao abandono do direito natural, realizando, portanto, um contrato social e transferindo seus direitos a uma pessoa que terá poder sobre todos. O terceiro conceito é a exigência racional que os homens cumpram sua parte no contrato, prestando obediência ao soberano. Entretanto, Hobbes relata a possibilidade de os homens não cumprirem sua parte no pacto social, conforme especificam Stangroom; Garvey (2009), fazendo-se necessário o poder de uma espada que atue de forma necessária e irrestrita.

Por outro lado, em contraste com a obra de Hobbes, Bird (2011) afirma que este acordo não é recíproco entre o povo e o soberano. Neste sentido, o povo cede seu direito natural permitindo a soberania do tirano conforme as proposições defendidas por La Boétie (2009). Sob este prisma, compreende-se que o tirano retém o poder adquirido e exerce sua vontade em nome da comunidade. Entende-se, portanto, que, ao oposto de La Boétie (2009)

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

defende em sua obra, para Stangroom; Garvey (2009), no *estado de Natureza*, a paz não seria alcançada.

Portanto, é certo compreender que na concepção de Hobbes:

Se os Indivíduos devem buscar a paz, eles são então, obrigados a abandonar uma parcela de seu direito natural, de sua liberdade. A paz não é possível se todos participam igualmente da liberdade, se todos têm igual direito a tudo e os meios de simplesmente tomar o que querem. (HOBBS, 2009, p. 55).

Ao contrário desta lógica, de acordo com Mateus (2015), La Boétie não reconhece o direito de exercer o poder sobre o povo, expressando sua indignação e repúdio a toda forma de dominação. Assim, na concepção de La Boétie, independente dos tiranos exercerem o poder por meio do pacto que celebra a dominação, por via da sucessão, força das armas ou pela eleição popular, e se todos são perversos na medida em que são inconstantes e possuidores da capacidade de ser bons ou maus, todos não deixam de ser reprováveis.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Tendo em consideração, a visão pessimista de Hobbes (2009) sobre a natureza humana, o autor lista que a autodestruição dos homens é ocasionada pelo desejo de competição, desconfiança e glória.

Seguindo por este pensamento, em Hobbes:

A competição impulsiona os homens a se atacarem para lograr algum benefício, a desconfiança garante-lhes a segurança e a glória a reputação. A primeira causa leva os homens a utilizarem a violência para se apossar do pessoal, da esposa, dos filhos e do gado dos outros homens; a segunda os leva a usar a violência para defender seus bens; a terceira os faz recorrer à força por motivos insignificantes. (HOBBS, 2009, p. 95).

Percebe-se que em Hobbes (2009), a autoridade absoluta e ilimitada do soberano (tirano) é a única condição sob a qual a paz é possível, ainda que este represente um risco para homens e mulheres através da opressão generalizada, conforme especifica La Boétie (2009), sendo um risco para a integridade geral.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

O estado de natureza, para Hobbes, é visto como uma total desordem, em oposição ao que é pregado por La Boétie (2009) quando relata que foi a tirania que corrompeu a essência humana e trouxe a desigualdade. Tendo em vista esta inquietação, La Boétie (2009) questiona como pode a servidão prevalecer e sobre o fato de não apenas poucos se curvarem frente à tirania, mas milhares, milhões, cidades e reinos inteiros sob o mando de uma única pessoa.

Se Hobbes, portanto, acreditava que o soberano é quem mantém o equilíbrio na sociedade, La Boétie expressa o oposto ao dizer que aquele que domina a sociedade, promove a desigualdade. Esta relação entre dominantes e dominados degenera a natureza humana, que se outrora livre, carrega o fardo da opressão.

É preciso analisar a esta altura do estudo, um breve elo entre o pensamento de La Boétie e Rousseau (1712-1778). Tanto para Rousseau, quanto na concepção de La Boétie, a liberdade é um bem inalienável e o povo só pode aceitar perde-la, se estiver sendo forçado a

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

obedecer sob o efeito de uma forte imposição. Nesta ocasião, a dominação aparece como aceitável, mas apenas se diante da possibilidade, ainda que distante, de esperar melhor sorte, sacudir os grilhões.

Enquanto um povo é obrigado a obedecer e obedece, ele age corretamente; tão logo, podendo sacudir o jugo, ele o sacuda, age melhor ainda, pois recobrando sua liberdade através do mesmo direito com que a tiraram, ou ele está certo em retomá-la ou não o estavam para lhe tirarem. (ROUSSEAU, 2002, p.59).

Vale ressaltar que, se para La Boétie (2009) o homem vivia melhor no estado de Natureza com a ausência do Estado, para Rousseau (2002), o homem era um ser que vivia segundo seus instintos naturais. Conforme visto anteriormente, esta condição foi duramente criticada por Hobbes (2009) na obra *Leviatã*. Por isso, a sociedade consentiria a formação de um pacto, que não somente livrasse homens e mulheres da destruição, conforme a lógica hobbesiana, mas que

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

segundo Rousseau (2002) representasse o corpo social. O soberano escolhido pelo povo deveria representar os desejos da sociedade e poderia ser destituído.

Se entre as concepções de La Boétie (2009) e Rousseau (2002), há uma semelhança no que condiz ao *estado de natureza*, suas visões se distanciam ao argumentarem sobre o governo. Para La Boétie (2009), toda forma de poder que se coloque em posição hierárquica frente à sociedade, é tirania, esta que por sua vez, é avessa à liberdade e que diverge totalmente da essência humana, ainda que traga em si os mais belos enfeites.

Desta forma La Boétie (2009) relata que:

Se nascessem hoje pessoas totalmente novas, não acostumadas à sujeição, nem atraídas à liberdade, que não soubesse nem de um, nem de outro, nem mesmo os nomes; se lhes propusessem ser servos ou viver livres, não concordariam com as leis daqueles: não há dúvida de que prefeririam obedecer mais somente à razão, do que servir a um homem. (LA BOÉTIE, 2009, p. 42).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Compreende-se que na concepção de La Boétie (2009), sendo a liberdade, causa primeira da natureza humana, os homens desprovidos de quaisquer experiências relacionadas ao Estado, rejeitam a ideia de servidão e reconheceriam a liberdade como seu direito natural inalienável. O homem livre por natureza, em Rousseau (2002), perde seus laços com o estado de natureza ao formar a representação do soberano em forma de corpo social e, por conseguinte, o soberano; Para La Boétie (2009), ao assumir a posição acima de toda sociedade, o tirano concentra tudo em suas mãos, não sendo possível acreditar que algo seja público onde tudo depende de um só.

Entretanto, no que condiz à representação do corpo político defendido por Rousseau (2002), este seria formado através da participação coletiva. Se para Hobbes (2009) os homens cedem seus direitos naturais ao soberano e precisam curvar-se a seu mando, para Rousseau (2000) os homens saíram do estado de natureza, mas mesmo em sociedade civil, devem ter seus direitos

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

respeitados, tendo em vista que o soberano é a representação dos interesses das massas. Por outro lado, para La Boétie (2009), que escreve sua obra cerca de dois séculos antes de Rousseau, independentemente da forma que o poder é exercido sobre outros, ele representa a dominação de todos.

Na concepção de Rousseau (2013) quando houve a distinção entre os habitantes, com a criação do estado, o povo sacrificou sua liberdade em nome de uma suposta felicidade, elevando o poder de um. O ato de colocar um acima de toda população provocou o que La Boétie (2009) nomeia como infortúnio, o desvirtuamento das relações humanas que ocorreu quando a natural sociabilidade entre iguais foi destruída (CHAUÍ, 2014).

Se Rousseau (2002) estava interessado na defesa de um corpo político que representasse o povo, não permitindo que a desigualdade se tornasse tão acentuada quanto é, La Boétie (2009) compreende o oposto ao acreditar que os problemas da sociedade estão diretamente atrelados em relação ao tirano e cúmplices como

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

personificação do Estado, que concentra a riqueza da nação e não se farta de promover a miséria e desigualdade entre os iguais.

Posto a diferença do pensamento de La Boétie, Hobbes e Rousseau acerca do Estado de Natureza, a concepção de Maquiavel (1469-1527) surge como necessária para a compreensão do poder exercido pelo soberano. Maquiavel que praticamente fora contemporâneo de La Boétie, no que condiz ao mesmo século (XVI), desenvolveu uma rica obra, O Príncipe, na qual direciona diversos conselhos para a execução do poder.

Para Abensur (2007), La Boétie se opõe ao pensamento de Maquiavel, no sentido que se La Boétie não reconhece o poder de uns sobre outros, Maquiavel faz uma abordagem em defesa dos que dominam justificando as relações servis quanto ao povo subjugado.

Para Winter (2006), o pensamento político de Maquiavel inaugura um novo conceito impregnado de laicidade, em que o poder é dissociado da ética cristã e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

tudo é válido para manter o poder. Maquiavel (2007) reconhecia o caráter tirânico da classe dominante em detrimento dos dominados, de modo que o povo tem objetivos mais honestos do que a nobreza. Enquanto a nobreza quer oprimir, o povo deseja apenas evitar a opressão. Por outro lado, La Boétie (2009) retira a legitimidade do discurso em favor do tirano e destina para o povo que pode destruir a base de apoio que sustenta o tirano.

Stangroom; Garvey (2009) relatam que para Maquiavel o principal dever do soberano é obter e manter o poder. Portanto, este precisa ser desprovido de considerações morais, para que evite sua própria ruína. Desta forma, um senso de moralidade e afeição prejudicaria a realização do poder do soberano. Se para La Boétie (2009), o tirano é enxergado como o responsável pela supressão da liberdade dos homens, Maquiavel (2007) realiza uma defesa sobre a melhor forma de o soberano permanecer no poder, nem que para isto esconda suas verdadeiras intenções, levando todos a crerem na

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

bondade que traz na aparência e ocultando suas reais aspirações. A compreensão de Maquiavel traz consigo um forte pessimismo acerca da natureza humana, sendo imprescindível que o soberano se mantenha firme a ponto de manter os instintos sombrios presentes na natureza ingrata e inconstante dos homens.

Maquiavel (2007) considera que os homens permanecem ao lado de quem concede benefícios. Por esta razão, o soberano deve saber dominar o povo e suprimir suas liberdades, conforme o autor aconselha acerca da execução do poder em caso de conquista:

Quando se torna o senhor de uma cidade livre, e não a aniquila, pode esperar ser destruído por ela, pois sempre haverá motivo para rebelião em nome da liberdade perdida e das suas eventuais tradições, que nem o curso do tempo nem os benefícios recebidos conseguem apagar. (MAQUIAVEL, 2007, p. 34).

La Boétie, portanto, opõe-se a Maquiavel (2007), expressando a ilegalidade do poder, La Boétie (2009) diz

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

que independente da forma que os tiranos adquiriram a soberania, seja por eleição, pelo uso das armas ou transmissão hereditária, todos realizam a mesma opressão, não sendo possível discernir qual menos prejudicial ao povo, sendo que, o tirano se vê elevado acima dos outros, fica encantado com a grandeza, decide não sair mais.

Os que são eleitos, segundo La Boétie (2009), tratam o povo como touros a serem domados, os conquistados como sua presa e os sucessores como um bando de escravos que lhes pertencem por natureza. Estes acabam, por fim, superando os outros tiranos em todos os vícios e mesmo em crueldade. Tendo em vista o receio de perder o poder, reforçam os vínculos com a servidão e seus mecanismos, afastando os súditos da liberdade e por mais recente que seja sua recordação de uma vida livre, logo se apaga da sua memória. Maquiavel (2007), por sua vez, relata sobre o que o tirano deve fazer ao conquistar o trono através da guerra e o que é preciso fazer para dominar uma região acostumada com a liberdade:

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Quando se conquista um Estado acostumado a viver em liberdade, e regido por suas próprias leis, há três maneiras de mantê-lo: a primeira consiste em arruiná-lo, a segunda em ir nele habitar; a terceira em permitir-lhe continuar vivendo com suas próprias leis, impondo-lhe um tributo, e organizando ali um governo composto de poucas pessoas, que possam ser mantidas amigas. (MAQUIAVEL, 2007, p. 33).

Maquiavel (2007) compreende que o uso demasiado da força não é a solução para a dominação, mas que é preciso manter algumas pessoas “amigas” entre os próprios subjugados, fazendo ser coerente a menção a La Boétie (2009) quando comenta que o tirano é desprovido de amigos e os que possui a seu redor são apenas seus cúmplices. Os cúmplices do tirano são peça essencial para a consolidação da servidão, uma vez que estes colaboram como extensão do poder opressor. Na concepção de La Boétie (2009), os cúmplices apenas querem servir para acumular bens e ter o poder sobre outrem, formando uma

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

vasta rede que segundo Maquiavel (2007) será útil em tempos de adversidade.

A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA E OS MECANISMOS DE SEU ENGENDRAMENTO

“Dizem-nos que é preciso defender nossos lares, mas se nos rebelamos contra a opressão, é contra nós que marcham os soldados”. (Costa, 2003 p.47)¹.

Este capítulo realiza uma abordagem acerca do desenvolvimento da obra: *Discurso Sobre a Servidão Voluntária* e dos mecanismos que fortalecem seu engendramento na sociedade com os artifícios que favorecem, na concepção do autor, a permanência dos vínculos com a servidão. A análise parte do discurso sedutor capaz de iludir a população e percorre caminhos traçados por La Boétie desde a antiguidade culminando com a servidão coletiva como produto de uma sociedade hierarquizada. Ainda neste capítulo, faz-se necessária a

¹ COSTA, E. A. **No caminho com Maiakóvski**: poesia reunida. São Paulo: Geração Editorial, 2003. p.47- 49

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

realização de um estudo sobre os mecanismos que favorecem a constituição da servidão voluntária. Para a formulação desta segunda parte do trabalho, foram utilizados artigos, livros, inclusive da obra de La Boétie para expressar de forma legítima quanto o pensamento do autor francês.

2.1 Aspectos da Obra

O discurso político pode ser apropriado para conquistar as massas e assim dominá-las. Partindo deste pressuposto, compreende-se motivo porque no início da obra *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, La Boétie utiliza uma frase do personagem Ulisses, descrita por Homero (2003) na obra *Iliada*: “Não é bom ter vários senhores” para expressar o discurso daquele que se apresenta com a possível solução para os problemas e oculta suas reais intenções. Este é o ponto de partida, que o autor utilizará para ter base em seu argumento na obra. Seguindo pelo texto, La Boétie contesta o apelo de Ulisses, quando observa a frase por completo: “Não é bom ter

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

vários senhores. Um só seja o senhor”. A frase final do chefe guerreiro de Ítaca entra em contradição com o início, mas é utilizada para apaziguar uma revolta no exército, tirando proveito da situação e não fazendo uso da verdade, mas da oportunidade propícia para subjugar os rebeldes (LA BOÉTIE, 2009). Neste sentido, Abensur (2007) concorda que o chefe guerreiro de Ítaca, tenta aproveitar a ocasião favorável usando em público os argumentos que lhe parecem apropriados para fazer com que os soldados revoltados aceitem seu poder de chefe e senhor. Se para Ulisses não era bom ter vários senhores, seria conveniente que existisse apenas um, o próprio.

Homero (2003) descreve a atuação de Ulisses, que fazendo uso do momento para tirar proveito, modifica o discurso, adequando-o ao “seu propósito” (LA BOÉTIE, 2009, p. 31). Na contramão do discurso de Ulisses, La Boétie desenvolve na obra *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, uma crítica contra o poder de senhorio sobre o povo. De modo que para o autor, independentemente de ter um ou vários senhores, é uma infelicidade estar

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

submisso sob o poder de alguém que não se sabe quando pode ser bom ou mau.

La Boétie acreditava que o poder faz com que aqueles que o detém, tornarem-se duros e irracionais, adotando medidas que vão favorecer sua manutenção no poder e o benefício próprio. A concepção pessimista de La Boétie sobre as formas de governo, bem como o poder em posse de poucos em detrimento de muitos, é exposta no decorrer de toda obra. O que praticamente diverge da concepção de Maquiavel (2007) ao não reconhecer a legitimidade do poder exercido sobre o povo.

Segundo Chauí (2014), La Boétie desfaz todo o conjunto de distinções entre as formas de governo e muito menos recorre a Deus, à natureza, à sociedade nem aos costumes como conceitos ou realidades que permitam distinguir entre o bom e mau poder, deixando claro que não pretende analisar na obra as diversas formas de governo, nem ao menos se a república é melhor que a monarquia ou o oposto, como fez Maquiavel na obra *O*

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Príncipe. Ao assumir esta posição de ausência de defesa, La Boétie, diz:

Não pretendo debater aqui a questão, tantas vezes discutida, se outras formas de república são melhores que a monarquia. Se tivesse de debatê-la, antes de saber a posição que a monarquia deve ocupar entre as diversas formas de governar a coisa pública, eu perguntaria se ela deve ocupar alguma, pois é difícil acreditar que haja algo público num governo no qual tudo depende de um só. (LA BOÉTIE, 2009, p.30).

Seguindo por esta delimitação, o autor apresenta-se como contrário a monarquia e sem aprofundar-se no tema, decide que a análise ficará para outra ocasião, pois exigiria um tratamento especial, provocando conflitos (LA BOÉTIE, 2009). Apesar de expressar, de não assumir preferência pela república, La Boétie deixa claro que a monarquia é uma forma de governo onde o soberano está mais propenso a monopolizar o poder e por sua vez, fazer que tudo seja de um.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Toneti (2009) diz que o objetivo de La Boétie não é analisar a melhor forma de governo, mas descobrir como se desenvolve esta particular vontade de servir, é mostrar que a servidão não faz parte da natureza humana e que a liberdade é um traço essencial desta natureza, ora ignorado.

Por enquanto, gostaria somente de entender como tantos homens, burgos, tantas cidades e tantas nações suportam às vezes, um tirano só, que não tem mais poder que o que lhe dão que só pode prejudicá-los enquanto quiserem suportá-lo e que só pode fazer-lhes mal se eles preferirem tolerá-lo a contradizê-lo (LA BOÉTIE, 2009, p.30).

Portanto, se servidão significa privação da liberdade e se esta provém de uma causa exterior, é possível concordar com Abensur (2007) quando afirma que a obra de La Boétie expressa o paradoxo da *não-liberdade*, da sujeição que causa a escravidão que não é

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

consequentemente forçada por força externa, mas sim, interna.

Assim, a servidão voluntária apresenta-se como absurda ao dizer que o próprio servo consente com sua escravidão enquanto tiranizado. Desta forma, seguindo pela concepção de La Boétie (2009), aqueles que são tiranizados não são alheios à sua dominação. Na contramão desta perspectiva, Abensur (2007) completa que, os oprimidos saem do campo da passividade e de dominados, passam a participar da dominação. Nesta compreensão, os servos não são somente enganados pelo tirano, mas participam de sua enganação (ABENSUR, 2007) contribuindo para sua própria ruína. O absurdo desta relação isenta de inocência os oprimidos e os coloca como base de apoio do poder.

O conceito inovador de la Boétie (2009) realiza uma inversão no sentido até então comum a respeito da e promove um insulto à razão e a liberdade colocando dominantes e dominados comungando da mesma atuação. Estes últimos, que nesta concepção ironicamente

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

compactuam com a servidão, são os mesmo que devem romper com os vínculos da opressão:

Coisa realmente admirável, porém, tão comum que deve causar mais lástima que espanto, ver um milhão de homens servir miseravelmente e dobrar a cabeça sob o jugo, não que sejam obrigados a isso por uma força que se imponha, mas que ficam fascinados e por assim dizer enfeitiçados somente pelo nome de um, que não deveriam temer, pois ele é um só (LA BOÉTIE, 2009, p. 30).

Neste paradoxo que culmina no fascínio pela servidão, La Boétie abre exceções que poderá ser entendida como plausível. Em casos de imposição, por exemplo, quando um povo se vê obrigado a obedecer, devem suportar com paciência na espera de melhor sorte, aguardar o momento oportuno para levantar-se contra a tirania daquele que os subjuga, sendo um problema recorrente entre homens e mulheres quando forçados a obedecer, obrigados a contemporizar e nem sempre podem ser os mais fortes se submetendo temporariamente ao regime do mais forte.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Neste sentido, para Mateus (2015) e Silva (2004), La Boétie coloca em análise a constituição e manutenção do poder, uma vez que a obra ressalta que independentemente da forma ou regime de governo, a existência do poder hierárquico constitui algo maléfico, pois aniquila a liberdade e instaura o desejo de servir (SILVA, 2004, p.02) usurpando as características humanas e contemporizando-os.

La Boétie (2009) comenta em sua obra que a servidão se constituiu aos poucos. Se na supressão do estado de natureza, os homens foram obrigados a servir ao tirano e as gerações que sucederam, serviram-no voluntariamente antepassados realizaram através da imposição. Fazendo que as pessoas se submetam a dominação sem perceber.

Para La Boétie (2009), o povo:

Quando é submetido, cai de repente num esquecimento tão profundo de sua liberdade, que não consegue despertar para reconquistá-la. Serve tão bem e de tão bom grado que se

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

diria, ao vê-lo, que não só perdeu a liberdade, mas ganhou a servidão (LA BOÉTIE, 2009, p. 42).

A dominação, segundo Silva (2004) não depende do número de tiranos, mas da supressão das liberdades individuais, que retira do povo, o desejo de se opor à tirania, compreendendo agora, que independente de ser república ou monarquia, o governo de muitos não faz nada mais que multiplicar a opressão, sendo o povo tiranizado da mesma forma, por aquele ou aqueles que concentraram o poder em suas mãos.

Por este motivo, de acordo com Silva (2004) percebe-se que no decorrer da obra, La Boétie (2009) não apresenta uma alternativa viável quanto a melhor forma de governo em sua concepção, querendo com isto destacar o repúdio ao estabelecimento da relação dominante-dominado, governante-governado em qualquer expressão” (SILVA, 2004, p. 03). Em primeiro lugar: O que faz que tantos se curvem diante de um? – Questionou o jovem La Boétie – Este ponto será posteriormente analisado neste

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

trabalho no que condiz ao estudo sobre os mecanismos que constituem o engendramento da servidão. Por enquanto, partindo da concepção que não é bom ter senhores, independentemente de seu número ou forma de governo, entende-se que para La Boétie é a maior desgraça estar sujeito a um soberano cuja bondade é improvável e que tem sempre o poder de ser mau quando quiser. E ter vários senhores é ser tantas vezes extremamente infeliz (LA BOÉTIE, 2009).

Rinaldi (2001) e Oliveira (2006) definem que a Servidão não prevalece, em suma, a partir de qualquer constrangimento ou violência, mas da sedução, tendo em vista que o uso de mecanismos para satisfação popular, estudados mais a diante, fazem que muitos permaneçam vivendo no prazer e habituem-se a servir.

Antes de nomear a servidão por Servidão voluntária, La Boétie (2009) não compreende os motivos pelos quais a sociedade aceita, se não por força de armas, por sedução, a tirania de um. A inquietação do autor leva-

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

o a buscar palavras que possam nomear este infortúnio que em sua concepção, degenera a essência humana:

Mas ó Deus, o que pode ser isso? Como diremos que isso se chama? Que desgraça é essa? Porque vício, e vício horrível, vemos um grande número de pessoas não só obedecer, mas servir, não ser governadas, mas tiranizadas, sem possuir bens, nem pais, nem filhos, nem sequer sua própria vida? Sofrendo as rapinas, as truculências e as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros contra os quais cada um deveria arriscar o sangue e a vida para defender-se, mas de um só? (LA BOÉTIE, 2009, p. 31).

Esta desgraça, segundo La Boétie (2009) não advém de vários inimigos, mas certamente de um, o tirano que é a personificação do Estado. Apenas um homenzinho que não é nada mais que um homem comum, não sendo nem Hércules nem Sansão. É neste sentido que Rousseau (2013) repudia e questiona como pode um guiar tantos, de modo que uma minoria, tenha tudo em abundância enquanto a multidão faminta não possui sequer o

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

necessário. É inadmissível, na concepção tanto de Rousseau (2013) quanto de La Boétie (2009) que uma única pessoa retire a paz de toda uma população faz La Boétie (2009) questionar se a Servidão Voluntária seria um simples ato de covardia:

Se dois, três, ou quatro não se defendem de um só é estranho, mas possível. Talvez se pudesse dizer com razão que lhes falta fibra. Mas quando cem, quando mil sofrem a opressão de um só, dir-se-ia ainda que não querem ou não ousam atacá-lo por desprezo ou desdém e não por covardia? (LA BOÉTIE, 2009, p. 32).

O absurdo deste fenômeno coletivo, que leva inúmeras pessoas a se absterem de atacar aquele que trata a todos como servos e escravos leva o autor a compreender que a servidão voluntária não é puramente um simples ato de covardia, seu antagonismo está na impossibilidade dos termos “servidão” e “voluntária” que colocam no mesmo nível a vontade de servir sem necessariamente a presença de coerção, sendo para o autor, um “vício” horrível (CHAUÍ, 2014). Por outro lado, para La Boétie (2009)

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

todos os vícios têm naturalmente um limite, além do qual não podem passar e a covardia não chega a esse ponto, da mesma forma que utilizar da valentia não significa que uma única pessoa deve escalar uma fortaleza ou atacar um exército. Assim, na concepção do autor, a servidão é algo que ultrapassa todos os limites possíveis, não merecendo sequer o título de covardia.

A coletividade, por outro lado, seria de fundamental importância para a retomada da liberdade e fim da tirania. La Boétie utiliza os termos “Todos Um” e “Todos Uns” (sic) para realizar uma oposição entre a situação em que a relação entre os homens é corrompida e quando a pluralidade é respeitada. Quando o autor utiliza o termo *todos um*, considera que todos aqueles que a natureza fez por igual estão sob o manto do tirano, perdendo, portanto, suas particularidades na servidão. O contrário, na visão de La Boétie é expresso no termo *todos uns*, quando a coletividade e o conhecimento entre os iguais faz emergir a importância da totalidade quando o respeito ao universo de cada um orienta para a liberdade e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

constitui um permanente repúdio a relação dominantes-dominados.

Diante da escassez de um termo suficientemente coerente, La Boétie (2009) nomeia o “vício horrível” e compreende por “Servidão Voluntária”. A servidão não de poucos, mas de muitos, sob a tutela de apenas um, levanta a reflexão central da obra: “o que faz os homens obedecerem e não unir forças contra esse gigante?”. Desta forma, segundo pela compreensão de La Boétie (2009) a covardia é uma das causas da servidão, conforme será analisado neste estudo no que condiz aos mecanismos.

As diferenças presentes nos homens, tanto de virtude, quanto de posses não são, na concepção de La Boétie (2009), motivos para que um subjuguie outros sob seu poder. A visão do autor sobre os dons naturais é expressa em sua compreensão que a natureza fez todos iguais na mesma forma e fôrma, e este é o motivo maior para que nenhum se coloque acima dos outros. A igualdade, portanto, remete aos homens o sentido que a prática da dominação deve ser abolida e o

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

companheirismo e amizade precisam ser postos em seu lugar.

Esta concepção acerca da prática da amizade remonta a visão humanista do autor e revela a valorização das virtudes e essência dos homens. A afeição fraterna ganha destaque no texto de La Boétie e demonstra que o reconhecimento pessoal no outro com base no preceito de amizade foi corrompido com a presença de um soberano.

Neste momento, cabe analisar que para Etiénne de La Boétie (2009) é o próprio povo, que se escraviza e se suicida, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia a liberdade e aceita o jugo quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura.

Este “Um” (Sic), na concepção de La Boétie (2009) rouba a liberdade do povo, mantendo-o na servidão. Para romper com este vício, seria necessário, o ato da recusa. Recusar servir, para o autor, representa a retomada da liberdade e dignidade usurpada pelo tirano. Neste sentido, compreende-se a metáfora utilizada pelo autor ao dizer que para um incêndio se tornar grande, basta

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

apenas uma pequena faísca que cresce e aumenta quanto mais lenha e condições favoráveis encontra para queimar. “[...] Não é preciso jogar água para apagá-lo” (2009, p.35) completa o autor, basta apenas que o fogo não receba mais lenha, nem mesmo encontre as condições favoráveis para sua expansão.

Sendo o povo que permite a permanência na servidão, a recusa seria o ato de não contribuir para o funcionamento da mesma. Seguindo pelo entendimento desta metáfora, não dar forças ao tirano significaria não compactuar com suas atrocidades, não pagar impostos, não servir, nem reproduzir a tirania sobre outrem. Recusar servir aquele que nunca cessa de pilhar, de promover a destruição da nação com o apoio concedido através a servidão voluntária.

Quanto mais as pessoas servem, na concepção de La Boétie (2009), mais o tirano se fortalece, quanto mais os tiranos pilham, arruinam, destroem, exigem que lhes seja dado. Para aqueles que oprimem, não é preciso utilizar da violência, mas da resistência no ato de não servir e não

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

lhes obedecer, sem atacá-los deixando-os derrotados, assim como os ramos que, não tendo mais sumo nem alimento em sua raiz, seca e morre.

Se, portanto, segundo o autor, colocam-se milhares de soldados em frente de batalha uns contra os outros e chegado o momento do ataque, os que estão livres lutam por sua liberdade e tem o ânimo de saber que após a batalha a posteridade vai usufruir da liberdade que não foi perdida, enquanto outros, segundo La Boétie (2009), não possuem nada a não ser a cobiça, o desejo de roubar a liberdade e os bens de outrem.

Nesta batalha, questiona La Boétie (2009), qual das frentes irá com mais coragem para o combate? Desta forma, para o autor, os envolvidos na batalha demonstram perspectivas opostas. Alguns têm a felicidade da lembrança de uma vida livre e a expectativa de sorte semelhante no futuro, outros partem para o ataque com a cobiça que se dissipa diante da “menor gota de sangue que saia de seus ferimentos” (LA BOÉTIE, 2009, p. 33).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Colocando em oposição os que se atiram como feras diante da possibilidade de roubar a liberdade de outros, o autor comenta que é o desejo de manter a liberdade que encoraja homens e mulheres a resistir à opressão e lançar-se no combate contra a possibilidade de servidão, ainda que esta seja apenas uma ameaça.

Para facilitar a compreensão, La Boétie (2009) recorre à Antiguidade Clássica citando as batalhas de Milcíades, Leônidas e Temístocles como exemplo de pessoas que se utilizaram do desejo de manter a liberdade, sua e de seu povo, deixando por certo que, nestes, a liberdade superou a dominação, a independência sobrepôs a escravidão. Estes exemplos realçam a preferência de La Boétie (2009) pelos acontecimentos históricos, para questionar, em suas palavras o que deu a um pequeno número de pessoas a coragem para enfrentar a força de tantos servindo de exemplo para a posteridade.

A liberdade perdida em posse de uma única pessoa é o motivo de maior inquietação em La Boétie (2009), se, portanto, os exemplos auxiliam para enfatizar

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

que é possível resistir, o autor considera-os necessários, uma vez que a ausência deles levaria a acreditar que nunca foi possível resistir e se tratava de um relato “puramente inventado” (LA BOÉTIE, 2009, p. 34).

Entretanto, se por um lado, os exemplos utilizados levaram a risco o embate físico em disputas e batalhas, em um primeiro momento, diferentemente dos próprios relatos utilizados, La Boétie (2009) diz que “[...] não é preciso combater nem derrubar este tirano, ele se destrói sozinho, se o país não consentir com sua servidão” (LA BOÉTIE, 2009, p.34). Neste sentido, não há nada mais irracional como a injustiça praticada através do roubo da liberdade. Ao prosseguir no texto, o autor comenta que para resgatar a liberdade, aqueles que perderam o bem natural podem reavê-lo e resgatar com seu sangue. Através do embate, conforme feito pelos exemplos da antiguidade.

Na concepção do autor, são as pessoas que deixam, ou melhor, que se fazem maltratar, que se escravizam e se suicidam quando, podendo escolher entre serem submissos ou serem livres, renunciam a liberdade e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

por vezes, consentem com o seu sofrimento. Recusar servir para reconquistar a liberdade. Esta é a premissa da obra de La Boétie (2009).

Nesta concepção, a servidão se fundamenta a partir do fascínio, da permissão e concessão. Fascinados pelo poder diante da possibilidade de também dominar, a permissão para ser dominado não aparenta o caráter da tirania. Fascinados pelo poder, os homens permitem ser subjugados e por último, concedem a força que o tirano necessita. A concessão atua como produto final da permissão em servir, quando o tirano possui uma forte base de apoio como a soma da permissão do povo.

O fascínio como motivo inicial das causas da servidão, dá-se por meio de mecanismos que se apresentam de forma sedutora e fazem os homens perderem a liberdade em troca de algo que consideram vantajoso, a possibilidade de compactuar com o poder. Perder a liberdade é viver miseravelmente com a ausência de um bem tão caro quanto a liberdade. Quando se perde a liberdade, todos os males sobrevêm, e sem ela todos os

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

outros bens, corrompidos pela servidão, perdem inteiramente o gosto e o sabor (LA BOÉTIE, 2009).

Apesar de que este dom natural usurpado desde os tempos da supressão do estado de Natureza, é visto na compreensão de muitos oprimidos e tiranizados, como algo fácil de conquistar. E por vezes, desdenham-na e, tampouco almejam conquistar aquilo que deduzem já possuir e:

[...] Todo esse prejuízo, toda essa desgraça, toda essa ruína não vem de inimigos, mas certamente de um inimigo, daquele mesmo que fizeste tão grande como ele é daquele que fostes tão corajosamente à guerra, e para a grandeza do qual não vos recusastes a oferecer-vos a vós mesmos à morte (LA BOÉTIE, 2009, p. 36).

Segundo La Boétie (2009), para ter a liberdade basta desejá-la e evitar viver como pessoas miseráveis, pobres de espírito, cegas quando se trata da própria felicidade roubada por outrem. Ser subjugado, segundo La Boétie (2009) e não se contrapor ao regime tirânico, é viver de maneira que não pode dizer que algo lhe pertence,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

nem mesmo a própria vida. Desta forma é necessária, uma ação consciente contra aquele que não cessa de oprimir e utilizar de todos os mecanismos possíveis para subjugar toda sociedade. Não servir é reconquistar a liberdade perdida, direito natural apropriado por outrem.

2.2 Mecanismos Da Servidão Voluntária

La Boétie realiza na obra, uma análise sobre os motivos pelos quais os homens se sujeitam ao mando de um tirano, para tanto, faz necessário analisar com atenção o que será denominado neste trabalho por: *mecanismos*. Esta análise, subdividida em três (03) categorias: Hábito, Covardia, Cumplicidade, será de fundamental importância para compreender a concepção de La Boétie, bem como sua análise e superação.

A primeira causa da Servidão Voluntária, para La Boétie (2009), é o hábito. Segundo o autor, se porventura, o homem se habitua às coisas com as quais fora criado e se estas lhe aparecem como naturais. De acordo com o pensamento do autor, aqueles que nasceram “sob o jugo,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

depois alimentados e educados na servidão, sem olhar mais à frente, contentam-se em viver como nasceram” (LA BOÉTIE, 2009, p.43) e não pensam em outros meios a não ser os que encontraram. Nesta perspectiva, segundo La Boétie (2009), chegam a acreditar que a condição de servidão é natural. Nem mesmo os animais, diz La Boétie (2009), habituam-se à ausência da liberdade e mesmo sob os arreios, freios, jaulas e gaiolas mais embelezadas, se os homens quisessem ouvi-los, saberiam que gritam em nome da liberdade perdida.

Muitos animais, segundo La Boétie (2009) morrem assim que capturados. Para o autor, os animais, dos menores aos maiores, “[...] quando são capturados opõem viva resistência com unhas, chifres, bico e pés para manifestar o valor que dão ao que perdem” (Ibidem, 2009, p.39) suas expressões demonstram sinais de tristeza por perder a liberdade. É o que acontece, segundo o autor, com os cavalos, que no início mordem o freio, depois brincam com ele, sendo que se antes escoiceavam assim que viam a sela, depois se apresentam sozinhos sob os arreios e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

debaixo da armadura. Assim, se os animais, mesmo postos a serviço do homem, não conseguem acostumar-se a servir a não ser depois de um momento de recusa, que fatalidade pôde perverter a natureza do homem, uma vez que nasceu para ser livre e chegou ao ponto de esquecer-se de seu ser primitivo (LA BOÉTIE, 2009).

Para La Boétie, quando o povo é submetido ao hábito, cai num esquecimento tão profundo que não sabe distinguir os males da servidão e não consegue despertar para reconquistar a liberdade perdida. Perder a liberdade, nesta concepção é ganhar a servidão por meio de uma barganha.

O hábito acontece quando os homens se acostumam a viver determinada situação e o tirano, por sua vez, segundo Rabelo (2009), não sendo alheio aos costumes do povo, utiliza de todos os meios que achar conveniente para justificar de sua presença necessária diante da população.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Para tanto, o tirano utiliza:

O teatro, os jogos, as farsas, as medalhas, os quadros e outras drogas semelhantes eram para os povos antigos as iscas para a servidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania. Os tiranos antigos empregavam esses meios, essas práticas, esses atrativos para entorpecer seus súditos sob o jugo. (La Boétie, 2009, p. 54).

Assim, a Servidão Voluntária acontece de forma natural, despercebida, como algo “normal” que se a geração anterior fez sob pressão, agora as gerações atuais repetem sem perceber. Sousa (2013) afirma que o hábito gera a desgraça dessas pessoas, o prazer e a permanência do tirano na posse, uma vez que este não precisa esforçar-se para alcançar seus servos, eles já estão garantidos pela tradição, fazendo que o homem mantenha a servidão e deixe de ser livre por conta de uma possível sensação de segurança garantida pelo tirano em troca de sua submissão.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

La Boétie nomeia de *sementes do bem*, o desejo natural pela bondade e prática das virtudes. Estas sementes, não resistem, entretanto, à força imposta pelo hábito e fazendo que as pessoas acreditem que sempre viveram em tal condição. Dizem “que sempre foram súditos, que seus pais viveram desse modo” (2009, p.48). Acreditando que a subserviência é normal e pensam que são obrigados a suportar o mal, persuadindo-se com exemplos que justificam através do uso conveniente da história, a posse daqueles que os tiranizam. La Boétie (2009) afirma que os tiranos da antiguidade se utilizaram de todos os meios possíveis para seduzir o povo, e tornar a população sem ânimo e coragem para resistir.

Estes homens e mulheres que aclamavam o tirano e ficavam saciados no banquete público ofertado pelo mesmo que os oprimia, se no dia seguinte padecessem da opressão, ficariam mudos como uma pedra. O povo sem conhecimento, na concepção de La Boétie, estaria, por sua vez, mais propenso aos vínculos com a servidão voluntária. Desta forma, utilizando da necessidade e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

ignorância, Nero sabia utilizar da prática do pão e circo para oprimir a população e conformá-los ao distribuir trigo às multidões. Fascinadas com o poder do Imperador, exclamavam e exultavam de alegria diante daquele que proclamavam: *Viva o Rei!* (Ibidem, 2009, p.55). Entretanto, completa La Boétie (2009) as pessoas tiranizadas e habituadas com a servidão, sequer percebiam que tomavam apenas parte do que era seu, e que mesmo a parte que recuperavam o tirano não podia dar-lhes se, antes, não tivesse tirado deles mesmos (LA BOÉTIE, 2009, p. 55).

Ao citar Nero como exemplo de tirano, o nomeia de carrasco, besta selvagem e incendiário, fera imunda, afirmando que após sua morte, houve em Roma quem sentiu tristeza ao lembrar com saudosa recordação os banquetes e jogos que ludibriavam a população. Além deste aparato da política do pão e circo, La Boétie (2009) diz que era comum também dos reis antigos utilizarem de meios que justificassem seu “caráter sagrado”. Às vezes, apareciam em público o mais raro possível fazendo o povo

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

“supor que havia neles algo sobre-humano” (Ibidem, p. 57) e deixavam a população supor ideias fantasiosas sobre aquilo que não podiam ver

Assim, muitas nações que estiveram por um longo tempo sob o império desses reis misteriosos, se acostumaram a servi-los, e os serviram com tanto mais boa vontade quanto ignoravam quem era o seu senhor, ou mesmo se tinham um, de tal sorte que viviam com medo de um soberano que ninguém nunca tinha visto. (IBIDEM, 2009, p. 57).

Diante da servidão por hábito, os homens proferem frases como: “sempre foi assim”, “É assim mesmo”. Por isso, segundo o autor, deve-se ter piedade daqueles que já nasceram na servidão e vivendo sob o jugo do tirano, desconhecem até mesmo a sombra da liberdade e mal “[...] tendo ouvido falar dela, não se dão conta do mal de serem escravos” (Ibidem, 2009, p.47). Aqueles que nunca viram a liberdade são dignos de compaixão. Não questionam sobre as causas de “ser assim”. Cria-se então, através da prática do hábito e em especial, da prática do

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

pão e circo, uma multidão de homens sem coragem para lutar contra a opressão, admiradores da tirania, conformados com sua condição, visto que, na concepção do autor, “nunca se lamenta o que nunca se teve. O pesar só vem depois do prazer e ao conhecimento do bem sempre se junta à lembrança da alegria do passado” (Ibidem, 2009, p. 48).

Portanto, se a força foi utilizada para impor aos homens a servidão em outros tempos, o tirano consegue sutilmente a obediência das novas gerações através das práticas já instituídas por meio do hábito. Porém, é importante ressaltar que La Boétie não aponta um caminho sem saída. Para o autor, não existe herdeiro negligente a ponto de não se questionar se recebeu todos os direitos de seus pais e se algum bem não foi usurpado. O homem do humanismo, presente em La Boétie vem à tona mais uma vez para dizer que sempre há entre os homens os esclarecidos. A defesa em prol dos que se questionam e são possuidores do conhecimento como forma de romper com a servidão é constante em sua obra.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Aqueles que possuem conhecimento, os esclarecidos são denominados *bem-nascidas*, por La Boétie. Estes esclarecidos, nunca se acostumam com a tirania, nem esquecem seus direitos naturais, recordam o passado para compreender o presente e julgar o futuro de forma apropriada cultivando o saber e os estudos.

Percebe-se, portanto que o humanista presente em La Boétie esforça-se para exaltar o conhecimento e os espíritos esclarecidos que sendo possuidores da razão, não se habituariam a servidão. Se o hábito fosse generalizado e se a liberdade chegasse a ser extinta, segundo La Boétie (2009) os *bem-nascidos* pensariam no que perderam e ainda sentiriam seu sabor com saudade e em seu espírito teria o repúdio às relações servis por mais que estas se apresentassem de forma bela.

O hábito, portanto, pode apresentar-se adornado dos enfeites mais sedutores com a finalidade de iludir a população. Este primeiro mecanismo da servidão voluntária, causa, conseqüentemente, o segundo. Desta

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

forma, o hábito causa a covardia. Através da covardia, os súditos não sentem fervor em recuperar a liberdade perdida e mesmo tendo conhecimento dos danos da servidão, estes covardes e preguiçosos não sabem tomar o que é seu por natureza.

Segundo Felix (2007), sob a tirania os homens não sentem prazer em enfrentar a opressão. Para tanto, os tiranos utilizam-se de vários meios pelos quais os súditos perderiam seu ardor e vontade de lutar contra a tirania. O tirano retira também a liberdade de falar, de agir e acima de tudo, da liberdade de pensar. De acordo com La Boétie (2009) pessoas subjugadas não sentem alegria no combate, nem rigor, enfrentam o perigo quase sempre sem disposição, como que estivessem de mãos amarradas, “[...] desprovidos de coragem guerreira, perdem também a vivacidade em todas as outras coisas, têm o coração tão fraco e mole que não são capazes de qualquer ação. Os tiranos sabem muito bem disso. Por isso, fazem o possível para torná-los ainda mais fracos e covardes”. (LA BOÉTIE, 2009, p. 52)

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Em um terceiro e último momento que condiz ao campo de participação na tirania, a cumplicidade exerce o papel mais complexo tratando-se dos mecanismos da servidão voluntária, ocupando, portanto, o terceiro mecanismo para a existência da Servidão, segundo a concepção de La Boétie (2009).

O autor afirma que o tirano conta com o apoio de algumas pessoas, estas por sua vez, exercem a dominação sobre outras, e assim sucessivamente formando uma rede de tiranias que se estende para todos os homens. O autor diz que o que conserva um país inteiro na servidão, “[...] não são os esquadrões de cavalaria, nem os batalhões de infantaria, nem as armas que defendem um tirano” (La Boétie, 2009, p.61), à primeira vista é difícil acreditar, nesta concepção, o domínio da sociedade está amparado na participação dos próprios subjugados.

Por meio destes cúmplices, o poder do tirano permanece forte, uma vez que se encarregam de distribuir a opressão entre os povos. O problema não é tão somente o tirano, mas sim a opressão que é distribuída a partir dele,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

os próprios súditos que compõem as próprias camadas dominadas.

A obra de La Boétie deixa transparecer a concepção que há uma troca de interesses na permissão em deixar-se ser dominado no que condiz, em primeiro lugar porque desejam servir e, em segundo, porque esperam que a servidão a que se submetem lhes faculte a possibilidade de também tiranizar (SILVA, 2004).

La Boétie (2009) questiona-se:

De onde tira tantos olhos que vos espiam, se não os colocais à disposição dele? Como tem tantas mãos para vos bater, se não as empresta de vós? Os pés que vos pisoteia vossas cidades não são também os vossos? Tem algum poder sobre vós que não seja de vós mesmos? Como se atreveria a atacar-vos, se não tivesse vossa conivência? Que mal poderia fazer-vos, se não fosseis os

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

receptadores do ladrão que vos pilha, os cúmplices do assassino que vos mata e os traidores de vós mesmos? (LA BOÉTIE, 2009, p. 36).

Chauí (2014) compreende que a participação dos servos na tirania dos opressores é de fundamental importância para que esta prevaleça, uma vez que, o tirano não governa sozinho e seus aliados constituem parte de uma conjuntura maior que oprime e explora todos.

São estes aliados, os pequenos tiranos que propagam a opressão e que formam uma extensa rede de tirania. São os cúmplices diretos do tirano, participam das mais variadas formas de opressão, conforme Oliveira (2006) comenta que os assessores dos tiranos fazem tudo para ganharem uma fortuna e não se lembram de que são eles que lhe dão a força para roubar tudo que é todos, não deixando a ninguém nada de que é seu.

São os assessores, os pequenos tiranos que compõem a corte e segundo Rinaldi (2001) estes não possuem tão somente o desejo de servir e proteger o tirano,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

mas sim, daqueles que possuem igual desejo de participar da tirania, desenvolvendo-a numa cadeia progressiva. Entretanto, é importante ressaltar que, estar próximo ao tirano não significa estar livre em relação à opressão que desencadeia a partir do mesmo e resulta também em si mesmo.

Silva (2004) diz que nas relações entre o tirano e seus cúmplices, os últimos encontram-se, segundo La Boétie (2009), em condições de submissão e renúncia à liberdade ainda mais extrema que aqueles que não participam diretamente da opressão. Os assessores do tirano, estão em nível de servidão mais degradante que os demais servos, sendo duplamente explorados.

Não é suficiente que lhe obedeçam, precisam também lhe agradar. É preciso que se consumam, se atormentem, se matem de trabalhar por seus interesses. E, já que só sentem prazer pelo que lhe dá prazer, precisam sacrificar seu gosto pelo dele, forçar seu temperamento e renunciar até aos seus afetos

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

naturais (LA BOÉTIE, 2009, p. 65).

Os cúmplices diretos do tirano, de acordo com Oliveira (2006) mendigam seus favores, não se limitam a fazer o que ele diz, têm de pensar o que ele deseja e, muitas vezes, para ele se dar por satisfeito, tem de adivinhar seus pensamentos. Cada um destes aliados comenta Chauí (2014), “[...] do mais alto ao mais baixo, do maior ao mais ínfimo, deseja ser obedecido pelos demais e, portanto, ser tirano também” (Chauí, 2014, p. 14). Entregam tudo ao tirano, na esperança de dominar também.

La Boétie denomina por *mola mestra* o que impulsiona e garante a servidão. A mola mestra é na concepção do autor, a participação do povo na dominação. Neste sentido, os guardas que fazem a segurança do tirano atuam como mecanismo formal da opressão, significando apenas um espantalho. O que garante o poder do tirano é a cumplicidade, a participação na dominação. Os cúmplices atendem os desejos do tirano, e são opressores que exercem a mesma tirania detendo outro grupo sob seu

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

poder conforme especifica Oliveira (2006), no que condiz a participação que traz resultados para os que oprimem em detrimento dos oprimidos.

La Boétie (2009) comenta que estes poucos, os assessores diretos do tirano, são cerca de cinco ou seis pessoas que estão diretamente interligados ao tirano. E por sua vez, têm seiscentos à sua disposição para fazerem com eles o que os seis fizeram com o tirano. São cúmplices de suas crueldades, companheiros de seus prazeres, e beneficiários de suas rapinas com ganhos e favores que recebem dos tiranos, fazendo que cheguem ao ponto que sejam tão numerosos para aqueles que a tirania pareça proveitosa e agradável (LA BOÉTIE, 2009). Os cúmplices do tirano dominam tão bem que o tirano se torna cada vez pior para toda a sociedade, não só por conta de suas maldades, mas sim, por conta de suas participações e influencias também.

De acordo com Chauí (2014), a obra de La Boétie (2009) retira o poder da guarda real, das armas, e fortalezas como defensoras do tirano e delega a proteção do mesmo

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

“ao número infinito” (Chauí, 2014, p.63) dos que seguem a rede de tirania, e formam a rede de cumplicidade e que estão sempre dispostos a servir, seguir e proteger o que oprime a sociedade. Estes cúmplices do tirano querem servir para acumular bens, como se não pudessem ganhar nada que fosse por outra via, pois nem sequer podem dizer que são donos de si mesmos.

Pode haver castigo e martírio maior que passar dia e noite imaginando maneiras diferentes de agradar a um homem a quem se teme mais que qualquer outro no mundo? Ter olhos sempre abertos e os ouvidos atentos, para espreitar de onde virá o golpe, para descobrir ciladas, para desvendar as tramoias dos concorrentes, para adivinhar o traidor? Sorrir para cada um e desconfiar de todos, não ter inimigo declarado nem amigo certo, mostrar sempre o rosto sorridente quando o coração está apreensivo? Não poder estar alegre, nem ousar estar triste (LA BOÉTIE, 2009, p. 71).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Etiénne de La Boétie (2009) define os que formam a rede de cumplicidade como pessoas trapaceiras que mendigam seus favores. “Isto é viver feliz? Pode-se chamar isso de vida?” (Ibidem, 2009 p.64) – Questiona La Boétie ao completar que uma pessoa que tenha o simples bom senso não se sujeitaria a essa condição, uma vez que em sua concepção: Não “[...] existe condição mais miserável que viver assim, não tendo nada seu e dependendo do outro quanto à sua satisfação” (p. 65). Aqueles que são tiranizados indiretamente, são mais felizes que aqueles que tiranizam. Exemplificando na concepção de La Boétie (2009): “o camponês e o artesão, por mais submissos que sejam, estão desobrigados a cumprir o que lhes é imposto” (Ibidem, 2009, p.64), portanto, são mais livres que aqueles que tiranizam.

Assim compreende-se que em relação à rede de tiranias:

Geralmente, não é o tirano que o povo acusa do mal que sofre, mas aqueles que governam. Os povos, as nações, todo o mundo, enfim,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

dos camponeses aos lavradores, sabem seus nomes, descobrem seus vícios e acumulam sobre eles mil ultrajes, mil insultos, mil maldições (Ibidem, 2009, p. 71).

O tirano por si só não causaria tanto mal para a sociedade quanto aqueles que propagam e distribuem a opressão. A tirania, portanto, não é encargo de apenas um, mas de muitos. São, por fim, estes cúmplices, os maiores responsáveis pela situação de miserabilidade de seu povo. Conhecendo de perto a população, os cúmplices compartilham da tirania e dos roubos subtraídos do próprio povo que consente com tal condição de servidão.

Por isso, prossegue o autor, no decorrer da obra, os tiranos “se cobriam de bom grado com o manto da religião” (Ibidem, 2009, p. 58), para justificar seu “caráter sagrado” e ganhar a estima e o culto dos súditos. Importante ressaltar que, na concepção de La Boétie (2009), o povo ignorante faz fantasiosas imaginações acerca do caráter sagrado e misterioso do tirano. Alimenta ilusões sobre um poder inexistente, um poder além do

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

limite humano, fazendo que, para autor, seja o próprio povo que “[...] inventa mentiras para depois acreditar nelas” (Ibidem, 2009, p. 58). Para Chauí (2014), de acordo com a obra de La Boétie (2009), o que faz prevalecer a tirania não é tanto seu poder bélico, fortalezas, e sim, uma vasta rede de apoio e cumplicidade que se propaga pela sociedade inteira, assim como a participação nas relações de opressão constituem a mola mestra que impulsiona o engendramento da servidão.

3 SUPERAÇÃO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

“Cada passo no movimento real
é mais importante que uma dúzia de programas”
(MARX, 2012, p.14)².

Neste capítulo realiza-se um estudo sobre as possíveis formas de superar a servidão voluntária contrária à proposta de Etienne de La Boétie. A escassez de informações sobre a sociedade “pós-tirânica”, sustenta uma indagação sobre a eficácia da proposta do autor francês. Desta forma, é imprescindível compreender o conceito de amizade utilizado pelo autor impregnado de humanismo na sociedade francesa do século XVI e a consistência da recusa como parte do seu programa de superação. Questiona-se se o contexto histórico dispunha de condições materiais objetivas para que a superação da relação servil voluntária se concretizasse e quais seriam as

² MARX, K. Crítica do Programa de Gotha. São Paulo: Boitempo, 2012.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

suas respectivas consequências. É contestado se, havendo a prática consciente da amizade e recusa em servir, o poder não seria reclamado por aqueles que almejassem retomar seu posto. Diante desta indagação, torna-se indispensável realizar uma reflexão sobre a proposta de La Boétie com base no estudo teórico de pensadores que questionam o Estado, seu caráter tirânico e o papel transformador da revolução promovida pela classe subjugada, devidamente consciente.

3.1 Superação do Estado e Relações de Servidão Voluntária

No ápice do *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, Étienne de La Boétie se debruça na proposta de analisar as formas pelas quais a servidão voluntária seria superada. Nesta percepção, Oliveira (2006) e Toneti (2009) ressaltam que para o autor os tiranos são destruídos no dia em que o povo não mais servir e tampouco

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

colaborar com sua própria servidão. A decisão de não contribuir com a força que alimenta o tirano é o ponto crucial para a compreensão da teoria de superação de La Boétie, quando afirma que:

Não é preciso combater nem derrubar esse tirano. Ele se destrói sozinho, se o país não consentir com sua servidão. Nem é preciso tirar-lhe algo, mas só não lhe dar nada. O país não precisa esforçar-se para fazer algo em seu próprio benefício, basta que não faça nada contra si mesmo (LA BOÉTIE, 2009, p.34).

Ao considerar que o povo não “faça nada contra si mesmo”, o autor coloca tirano e tiranizados no mesmo nível, modificando a compreensão clássica de passividade do servo (ABENSUR, 2007) e estabelecendo o que diz respeito ao consentimento de servir para ser servido por outrem, colaborando, portanto, com a rede de tiranias. Entretanto, não é simplesmente uma questão de decidir contribuir com o poder do tirano, mas da condição a qual

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

os sujeitos encontram-se e permanecem, inclusive pela ausência de recursos e, obviamente, o caminho que levou ao estabelecimento da opressão do Estado.

Conforme observado no Capítulo II, na concepção dos autores contratualistas, o Estado surge após um período filosoficamente compreendido como *estado de natureza*. Este, por sua vez, seja expresso como saudosa época de liberdade natural ou de guerra de todos contra todos, era compreendido pelos pensadores como um período de inexistência da autoridade do monarca. Nesse sentido, de acordo com Lopes (2013, p. 02) “Hobbes afirmava que o estado no qual o homem é sujeito da natureza e dispõe de seus instintos selvagens não é seguro, mas de iminência de guerra e de morte cruel”, sendo necessária a figura do monarca para equilibrar a suposta selvageria.

Desta forma, Hobbes pretende advertir que aqueles que se encontram na condição natural se “submetam em absoluto ao soberano, o detentor do poder, a fim de garantir segurança e uma vida mais tranquila,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

saltando da condição de intranquilidade, instabilidade” (Ibidem, p.02), escapando do perigo de morte violenta e guerra infinita. Nesta compreensão, a opção mais viável, na justificativa do autor, para “garantir a paz e perspectiva de vida mais tranquila e harmônica é conceder o poder ao Estado, de preferência a um só homem, o soberano” (Ibidem, p. 02).

A concepção de Hobbes (2009) acerca da justificativa tem repúdio em Rousseau, ao argumentar a respeito do poder soberano que deve ser o exercício da democracia em favor do povo. Entretanto, em 1549 no período em que La Boétie viveu e escreveu sua obra, o soberano, monarca absolutista, não estava interessado em exercer o poder em favor das massas, e a compreensão de Hobbes apresenta-se como plausível. O Estado monárquico francês não apresentava o exercício democrático do poder em favor do povo, pelo contrário, diante das elevações de impostos de forma desmedida, das perseguições, das guerras religiosas que o próprio La

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Boétie foi apaziguador, é possível entender seu caráter tirânico e opressor do Leviatã já em seu tempo.

Por esta razão, Almeida e Silveira (2013) percebem que no início do período moderno havia a ligação dos interesses do tirano enquanto Estado e a concepção de submissão das massas desprovidas de vontade, fazendo, desta forma, a palavra do soberano reinar e passar a ser vista como sua vontade sagrada, “fazendo surgir a ideia de soberania ligada ao exercício do poder régio” (Ibidem, 2013, p. 03) inquestionável.

A sacralização do poder do monarca teve seu amparo na religião. La Boétie (2009) expressa em sua obra o caráter de cumplicidade entre os tiranos e a religião desde a antiguidade com o apoio dos sacerdotes, mesmo sem evidenciar um relato sobre seu tempo, no século XVI não era diferente. Mesmo em tempos de conflitos religiosos que estremeciam a concepção de cristandade, a Igreja Católica exercia a dominação aliada com os monarcas de modo que:

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

[...] representava a segurança para a população medieval atemorizada com a morte e, sobretudo, com o que pudesse ocorrer depois da morte. Essa influência fortemente espiritual estendia-se ao plano político, na medida em que eram os papas que coroavam os imperadores nas cerimônias de sagração, ungindo-os com os santos óleos; eram também os papas que, com suas aprovações ou reprimendas, podiam influenciar o poder político de vários reinos. (VAN ACKER, 1992, p.05).

Por esta razão, as mazelas praticadas pelo tirano na execução poder do Estado, tinham sua justificativa como castigo divino junto à esperança de dias melhores na outra vida. Marx (2010) comenta que a atuação da religião com o Estado fazia que as multidões subjugadas entendessem a dominação como uma concessão do céu. Já o governante, por outro lado, proprietário das terras e possuidor da acumulação de renda, possuía a grandeza

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

desproporcional em relação a seu próprio tamanho. É o gigante colossal que La Boétie comenta em sua obra e que, segundo Van Acker (1992), obtinha o encanto das massas através da prática do pão e circo e atingia os sentimentos do público, convencendo seus súditos de sua força e de seu poder nas festas públicas onde mostravam sua magnificência, e o povo maravilhava-se, num misto de sentimentos que oscilavam entre o medo o fascínio.

Le Roy (2007) comenta que a população camponesa do século XVI pouco participava das grandes lutas por mudanças sociais em grande escala. Quando se envolvia em conflitos, faziam num bloco único, “[...] agindo sob a égide da comunidade, armada de uma consciência de classe camponesa e autônoma” (LE ROY, 2007, p.270) que, desprovida de condições materiais, geralmente eram massacradas pelo tirano ao se opor. Desta forma, compreende-se a tragédia que ocorreu no episódio da *Gabelle*, ao demonstrar ao mesmo tempo em que o povo não era em seu todo, seduzido pelo poder da tirania,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

mas que não possuía condições suficientes para permanecer em confronto contra o Estado e seu fisco.

Neste sentido, diante da possibilidade de superar a servidão voluntária, surge a necessidade de realizar uma análise da parte culminante da obra de La Boétie. Para o autor, apesar do fascínio pelo poder e dos mecanismos anteriormente citados, compreende-se que a dominação não é eterna e mesmo que em sua concepção o caminho de retorno para a liberdade natural seja impossível, a servidão dos homens poderá ser extinta.

É importante ressaltar que na compreensão de La Boétie (2009) existem duas maneiras de romper com a servidão voluntária. O autor relata que os vínculos com a opressão podem ser superados por duas vias distintas: Prática consciente da amizade e recusa em servir, que culminam no mesmo fim, a destruição do tirano.

Para Etiénne, a primeira forma de superar a servidão voluntária seria através da prática consciente da amizade. Entretanto, o termo amizade, no século XVI, está mais relacionado ao sentido de igualdade estabelecida

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

como uma relação de afeto. Para Montaigne (1987, p.92) a natureza dispõe de uma preocupação em implantar a necessidade de relações de amizade nos homens, estabelecendo o sentimento de reciprocidade e igualdade. Esta virtude, “assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade”. O sentido de amizade, impregnado do pensamento humanista, remete ao anseio que as pessoas sejam tão unidas que não seja possível distinguir umas das outras, fazendo que haja disposição de doar-se de modo que a vantagem desta doação retorne para si em benefício próprio.

Se nessa amizade a que me refiro, um pudesse dar alguma coisa a outro, o benfeitor é que seria o favorecido. Colocando ambos acima de tudo a felicidade de obsequiar o outro, quem dá a seu amigo a oportunidade de fazê-lo é quem se mostra mais generoso, pois lhe outorga a satisfação de realizar o que mais lhe apraz (MONTAIGNE, 1987, p.95).

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Desta forma, para Montaigne (1987), assim como para La Boétie (2009), a visão de amizade, está associada ao sentido de igualdade baseada no respeito mútuo. Com esta concepção, compreende-se que a amizade é antagônica à ideia de opressão realizada pelo tirano. Chauí concorda com La Boétie ao afirmar que a amizade é algo avesso à tirania “[...] porque é o tirano quem busca apenas seu próprio bem contra o dos outros, faltando-lhe a marca natural do amigo, o recíproco bem-querer” (CHAUÍ, 2014, p.66), o interesse pelo bem alheio.

Por outro lado, o que advém por parte do tirano é apenas interesse próprio. Ele ignora o bem público em nome de sua satisfação pessoal. La Boétie (2009) afirma que aquilo que traz a confiança mútua entre os amigos é o conhecimento da integridade mútua. Por isso, o tirano não tem amigos, mas cúmplices que partilham com ele as rapinas, mas sem destinar confiança e os sentimentos dispostos na amizade. O tirano é desprovido de bondade, pois, não pode haver amizade onde se encontra a

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

crueldade, a deslealdade e a injustiça. Por este motivo, La Boétie afirma que:

Nossa natureza é de tal forma que os deveres recíprocos da amizade absorvem boa parte de nossa vida. Amar a virtude, estimar as belas ações, ser gratos pelos benefícios recebidos e, muitas vezes, reduzir nosso próprio bem-estar para aumentar a honra e o progresso daqueles que amamos, e que merecem ser amados, é uma correspondência justa à razão (LA BOÉTIE, 2009, p. 31).

Apesar da lógica de La Boétie delegar aos oprimidos a participação na própria servidão, o tirano posiciona-se acima de toda sociedade no que corresponde a relação de mando e obediência. As ordens partem do mesmo e são reproduzidas pela população que, segundo o autor, participam em diferentes estágios e mecanismos já abordados neste estudo. Portanto, o tirano ultrapassa o limite da amizade e deturpa o sentido da amizade considerado sagrado por La Boétie, fazendo que não

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

possua amigos, mas sim, cúmplices de suas ações (Ibidem, 2009).

A superação com a prática da amizade seria em forma de resistência pacífica contra o tirano e se daria com o pleno conhecimento da sua condição de oprimido. A população subjugada teria o conhecimento dos males provenientes da ação do tirano e praticaria a amizade, o que na concepção humanista do autor, significa igualdade e justiça de forma recíproca, sendo livre a ponto de ser senhor de si mesmo.

De acordo com a compreensão de La Boétie (2009) e Montaigne (1987), a amizade preencheria todos os espaços vazios na sociedade e a participação dos servos seria superada. A amizade, neste sentido, é uma consciência coletiva, que retiraria o poder que sustenta o tirano, pondo fim à opressão. A defesa da amizade expõe a necessidade de uma ação em que ninguém se sobreponha a outrem, fazendo reflexo na prática virtuosa da liberdade e igualdade. Portanto, a amizade no sentido de consciência coletiva, culminaria com a resistência pacífica, a recusa.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

A participação dos servos designa-se pelo que La Boétie considerou como a *mola mestra* que impulsiona a tirania. Após a consciência coletiva com a prática da amizade, surgiria a recusa em servir. Na concepção de Etiénne, o que fortalece o tirano é a participação dos oprimidos na própria opressão. Desta forma, o autor afirma que para destruir o tirano não “[...] o enfrenteis ou o abaleis, mas somente que não o sustenteis mais, e o vereis como grande colosso do qual se retirou a base despencar e despedaçar-se debaixo do próprio peso” (Ibidem, 2009, p.37). Nesta concepção, se os cúmplices da tirania não destinassem seu apoio ao tirano, este perderia a força. Assim, a recusa se constituiria como ferramenta essencial para a resistência pacífica que La Boétie propõe.

Entretanto, La Boétie (2009) se contradiz ao expressar seu elogio aos *bem-nascidos* portadores do conhecimento, expondo que não é a grande massa que vai realizar a recusa, mas sim, os *bem-nascidos*. Aqueles que possuem o conhecimento percebem a tirania como forma de opressão, pois, “[...] sempre se encontram alguns, mais

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

bem-nascidos, que outros, que sentem o peso do jugo e não podem deixar de sacudi-lo, que não se acostumam jamais com a sujeição” (Ibidem, 2009 p.47). Portanto, para os portadores da razão, a servidão sempre será algo avesso e mesmo que esta seja usurpada ou banida deste mundo, eles a sentiriam em seu espírito. A servidão é repugnante, por mais que a enfeitem (LA BOÉTIE, 2009).

Assim, a recusa assume a condição de virtude espelhada na consciência coletiva. Para o autor, o “não servir” seria uma consequência do conhecimento obtido e da prática da amizade. Os esclarecidos pela razão rejeitariam a força do tirano e assim o confrontariam simbolicamente, sem confronto, destituindo sua base de apoio.

Porém, no encerramento de sua obra, o autor revela-se descrente de alcançar uma sociedade livre da tirania ao ter esperança que os crimes cometidos pelos tiranos não fiquem impunes, não nesta vida, mas em outra. La Boétie acredita que a vida futura reserva um castigo

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

sombrio para aqueles que tanto submeteram e oprimiram pessoas sob seu poder.

Esta esperança de um castigo para os que exerceram a tirania em seu benefício próprio marca o final do texto de La Boétie em forma de consolo e contradição. Religioso e apaziguador dos conflitos entre católicos e protestantes, La Boétie demonstrou neste trecho que suas convicções filosóficas e religiosas formam uma linha tênue na medida de confusa, em relação ao significado que o próprio dava ao que acreditava ser a servidão por caráter voluntário. Sua crença no advento de um mundo melhor leva-o a creditar na resolução dos males não no plano material, mas espiritual como instância máxima da justiça não concebida na terra.

Para o autor, não há castigo para os tiranos na terra, e a outra vida deverá suprir a injustiça, pois Deus “[...] todo-poderoso, testemunha fiel de nossos atos e testemunha de nossas faltas” (Ibidem, 2009, p.72) não deixará que os males cometidos passem despercebidos: “[...] de minha parte, penso, e creio não estar enganado,

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

que Ele reserva nos abismos um castigo especial para os tiranos e seus cúmplices, pois nada é mais contrário a um Deus bom e clemente que a tirania” (Ibidem, 2009, p. 72).

La Boétie termina por contradizer tudo o que disse. Se, portanto, La Boétie, não demonstra expectativa que os problemas enfrentados pelos oprimidos teriam solução no mundo material, sua obra torna-se um exercício de reflexão sobre as condições servis, mas sem associação com a vida prática. O término da obra, segundo Chauí (2014) é desconcertante para quem espera um programa de ação contra a opressão da tirania. O autor não propõe método, nem oferta cartilha para a derrocada do Estado e sua respectiva tirania.

Portanto, o programa de superação proposto por La Boétie (amizade, recusa) cai no idealismo humanista e revela um método ineficaz para solucionar a opressão do Estado, quando sua crença demonstra a esperança que há castigo na vida espiritual e não material. Seu plano faz-se necessário no que condiz à conscientização, mas que na realidade prática, não seria o suficiente para retirar a força

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

do tirano, o grande colosso, e fazer que o mesmo caia sobre seu próprio peso, conforme proposto pelo autor.

Obviamente, La Boétie escreve a obra de cunho filosófico e idealista. Não estando próximo ao povo subjugado pelo Estado, sua limitação não faz perceber que tanto no período clássico, descrito por através de exemplos em sua obra quanto no cotidiano da França do Século XVI, todas as tentativas de mudanças promovidas pelas massas, sejam pelas massas ou pelos esclarecidos não se deram por vias pacíficas como almejava. É possível compreender que esta limitação e anseio por uso das virtudes são frutos de seu tempo, e de sua concepção filosófica humanista.

Por conta disto, o pensamento de La Boétie, apresenta uma série de lacunas. Não somente pelo humanismo presente em sua obra, mas pela impossibilidade do uso da amizade e proposta da recusa em servir, conforme supracitado, mas por não apresentar um modelo de sociedade pós-tirânica.

Não bastaria apenas não servir ao tirano, mas desenvolver uma proposta de sociedade em que a servidão

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

não mais existisse e que os homens, desta vez, livres do jugo, viveriam numa sociedade sem oprimidos e opressores, desta forma “cada passo no movimento real é mais importante que uma dúzia de programas” (MARX, 2012, p.14), fazendo necessário entender a obra de La Boétie com suas limitações, inclusive por pertencer à burguesia jurídica.

O tirano com seu caráter repressor, oprime e reprime todos aqueles que tentarem uma insurreição e almejem a superação de seu *status quo*. O exemplo da tragédia que ocorreu na *Revolta da Gabelle* faz perceber que o poder do Estado é eficiente para corrigir com represálias a população que se contrapõe à tirania. A essência desta máquina repressora é manter a sociedade dividida em classes sociais e naturalizar as relações servis entre senhor e servos, a supremacia de um em detrimento de outros.

Andrade (2012) compreende que o Estado é um órgão cujo princípio fundamental é a opressão de uma classe por outra, sendo sua estrutura fundamentalmente

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

associada ao dever de manter a relação entre dominantes e dominados a mais silenciosa possível, reduzindo os atritos e promovendo a ordem social. Engels (2009) realiza uma análise histórica, que torna possível a compreensão do início das relações servis, apesar de que na origem do que La Boétie concebeu como Estado, a configuração do mesmo aparentava em demasiada diferença do que era na França do século XVI.

Para Engels (2009), na dissolução da sociedade primitiva, classes foram criadas e evidenciaram-se divergências. Primeiro entre a cidade e o campo e depois entre os diferentes ramos de trabalho nas cidades, bem como a criação de novos órgãos para preservar os interesses e instituição de cargos públicos de toda espécie. Com a progressiva desigualdade e divisão interna, é o Estado quem utiliza de seu poder repressivo e respectivos mecanismos para garantir a submissão das massas, destinando-as à servidão.

Diante das lacunas presentes no pensamento de La Boétie frente à análise de sua proposta de superação

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

faz-se necessário traçar um caminho antagônico utilizando de outras concepções. Desta forma, para Mészáros (2008), o caminho para superar o poder exercido pelo Estado, é bem mais complexo. Realizando uma abordagem fundamentada no materialismo histórico e dialético, o autor defende que a derrocada do Estado não se daria através de uma recusa, mas sim, através de uma revolução promovida por sujeitos conscientes de seu papel transformador.

Portanto, Mészáros (2008) afirma que as condições objetivas necessárias para esta ruptura, “não podem atingir sua maturidade total sem o desenvolvimento da autoconsciência como consciência da necessidade de desalienação” (MESZÁROS, 2008, p.64).

A conscientização dos indivíduos em Mészáros (2008) implica não somente a derrubada do tirano “como muitas vezes projetada em vão, porque tudo que pode ser derrubado pode ser restaurado, e com demasiada frequência tem sido” (MÉSZÁROS, 2015, p. 77), mas sim, realização de uma ruptura estrutural em larga escala.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Portanto, apenas derrubar o Estado não significaria um avanço, pois o mesmo poderia ser restaurado com maior poder e tirania. Antes que esta ruptura aconteça, os indivíduos subjugados precisam ter acima de tudo, consciência de sua condição para reivindicar a emancipação através da revolução.

Numa determinada etapa do desenvolvimento social,

As forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram essas relações convertem-se em entraves (MARX, 2008, p.47).

A mudança estrutural acontece com a destruição do sistema e o conseqüente fenecimento do Estado. Esta alteração capaz de estremecer as bases da sociedade, não

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

só retiraria o apoio dado à classe dominante, mas promoveria o fim do Estado que fundamenta a desigualdade no sistema capitalista. No período em que La Boétie escreveu sua obra, século XVI, o sistema econômico se constituía da transição do mercantilismo para o capitalismo. Desta forma, a acumulação de riquezas despontava como parte essencial para a manutenção do poder do tirano e consequentemente para manter o Estado e seu potencial repressivo.

Desta forma, para Mészáros (2011) o Estado em sua tirania, reforça o processo de sujeição e assume a forma da divisão da sociedade em classes sociais opostas entre si. Portanto, para o autor, “[...] o Estado moderno passa a existir, acima de tudo, para poder exercer o controle abrangente sobre as forças centrífugas insubmissas” reforçando o caráter dominador do capital contra os que poderiam ameaçar as “desigualdades na distribuição e no consumo” (Ibidem, 2011, p. 110).

O caminho para destruir as relações de servidão e opressão está relacionado intrinsecamente, não a uma

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

recusa, nem mesmo a uma revolta, mas coerentemente a revolução capaz de “[...] destruir toda a colossal superestrutura que faz parte da totalidade das relações de produção e que constituem a estrutura econômica da sociedade” (MARX, 2008, p. 47-48), constituindo o poder do Estado. Porém, para a supressão desta superestrutura e seus respectivos mecanismos é necessário que existam condições materiais capazes de tornar outra realidade objetiva possível. A revolta da Gabelle é um exemplo que poderá ser compreendido no quesito que a população camponesa confrontou o Estado Francês sem possuir meios para manter o combate e sua condição de recusa sustentável.

Não bastaria apenas promover a recusa pacífica que La Boétie defende. O tirano francês estava munido de recursos que o levariam a se colocar acima dos camponeses diante de um combate, ainda que os mesmos estivessem dotados do sentimento de amizade e prevalecesse entre a comunidade a recusa. Portanto, a proposta de La Boétie precisa vir acompanhada de um

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

plano que permita a superação da ordem vigente e como isto seria sustentável.

Expõe-se aqui mais uma lacuna presente na concepção de La Boétie (2009), que acreditava ser possível a superação da tirania sem pensar como seria a sociedade pós-tirânica e seus meios materiais para além da recusa e prática consciente da amizade.

Mészáros (2011) faz uma abordagem lúcida acerca da conscientização. Para o autor, a superação da sociedade oprimida requer um processo gradual e coletivo para que as massas provoquem a ruptura do Estado dominado pelo sistema capitalista que “[...] é orientado para a expansão e movido pela acumulação” (MÉSZÁROS, 2011, p. 100).

Por esta razão, para Mészáros (2011):

O papel do Estado em relação a esta contradição é da maior importância, pois é ele quem oferece a garantia fundamental de que a recalcitrância e a rebelião potenciais não escapem ao controle. Enquanto esta garantia for eficaz, parte na forma de meios

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

políticos e legais de dissuasão e parte como paliativo para as piores consequências do mecanismo socioeconômico produtor de pobreza. (MESZAROS, 2011, p. 126).

De acordo com esta análise, “o Estado funciona como pré-requisito indispensável para o funcionamento do sistema do capital” (Ibidem, p.109) de modo que é um equívoco considerar que o Estado seja idêntico à estrutura de comando do próprio sistema (Ibidem, p. 124). O capital, segundo Mészáros (2011), apresenta-se como um sistema cuja sua essência não pode permitir que exista algo acima de si.

Entretanto, para adquirir corpo físico, o capital utiliza-se de um pseudo-sujeito que será sua personificação e que será responsável “[...] pela mediação (e a imposição) de seus imperativos objetivos como ordens conscientemente exequíveis sobre o sujeito real” (Ibidem, 2011, p. 126). Através de sua personificação sob o âmbito da opressão, o Estado capitalista molda todas as outras

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

instâncias segundo seu interesse e conveniência. Por conta disto, para Mészáros (2011) as personificações do capital são responsáveis por delegar seus imperativos em todas as instâncias de reprodução social, desde o campo da produção material até os níveis mais altos da política.

Seguindo esta reflexão, conforme Marx (2010/2012), o Estado é uma máquina governamental do sistema capitalista e por meio desta, utiliza-se da divisão do trabalho formando um organismo separado da sociedade. É o Estado quem divide a sociedade em classes e as coloca em posições antagônicas fazendo que a possibilidade de desempenhar uma luta conjunta contra a opressão “[...] desapareça e antes mesmo de ter existido, de modo que cada classe, tão logo inicia a luta contra a classe que lhe é superior, enredasse numa luta contra a classe inferior” (MARX, 2010, p. 155).

Por outro lado, a obra de La Boétie (2009) quando comenta sobre a prática da amizade e a recusa, transparece a proposta de mudança por vias democráticas, sem conflito tornando-se um equívoco no que condiz a alteração de

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

toda cadeia de dominação, caracterizando-se por reformas monstro colossal ao perder sua base de apoio. A ideia de La Boétie transmite a suposição que bastaria apenas retirar a base de apoio e abdicar da participação na tirania para que a sociedade vivesse na plena igualdade.

Nesta compreensão, o Estado possui um caráter incorrigível e irreformável, e não traz consigo a possibilidade de mudar seu caráter de classe, repressivo e, ainda, ser colocado a serviço dos desfavorecidos. Diante da impossibilidade de “[...] soluções parciais para o problema enfrentado” (Ibidem, 2011, p. 96) acerca da opressão urge a necessidade de uma solução total, a revolução prática e consciente, expondo que não é possível restaurar o Estado pela mudança pacífica.

Ainda que houvesse esta possibilidade, as reformas não representariam os interesses reais dos que estão sendo subjugados, pois:

O grupo dominante está interessado em mudanças apenas na medida em que as reformas e as concessões possam ser integradas ou

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

institucionalizadas, enquanto mudanças deste tipo se opõem aos interesses do grupo subordinado, na medida em que prolongam a sua subordinação (MÉSZÁROS, 2008, p.69).

Diante disto, Paniago (2015) e Andrade (2012) concordam com Mézáros (2008/ 2011/2015) e alertam para o perigo de idealizar a reforma do Estado como solução para os problemas estruturais. Neste sentido, as atenções voltam-se para a necessidade de uma revolução que possa transformar a sociedade.

Sendo a sociedade capitalista incorrigível, para Marx (2012), a mudança realiza-se através da revolução organizada por sujeitos previamente conscientes e com condições materiais que favoreçam a transição para uma nova forma de sociabilidade sem oprimidos e opressores: a sociedade comunista. A linha que separa as concepções de La Boétie desta compreensão é espessa e constitui um abismo no que condiz a mudança através da conscientização diante da compreensão da real situação

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

vivenciada pelas massas, divergindo do papel do sujeito que irá promover esta mudança. Se para La Boétie (2009) a recusa dar-se-ia com a atuação dos esclarecidos, para Marx (2012) é a classe trabalhadora que promoveria uma revolução consciente de sua tarefa histórica para superação da ordem dominante.

A classe trabalhadora, segundo Marx (2010) “[...]liberta a sociedade inteira, mas apenas sob o pressuposto de que toda a sociedade se encontre na situação de sua classe” (MARX, 2010, p. 154), portando condições materiais objetivas que possam favorecer a transição. Desta forma, entre “[...] a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra” (MARX, 2012, p.43).

Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade. Eis

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

porque a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir. (MARX, 2008, p.48)

Na sociedade comunista, sem opressores e oprimidos, sem tirano e tiranizados, a divisão dos indivíduos em classes sociais como sujeitos antagônicos, todos os problemas suscitados por La Boétie, seriam superados. Não haveria usurpadores da liberdade alheia, tampouco uma sociedade hierarquizada verticalmente, nem o fruto do trabalho seria expropriado do seu verdadeiro produto, pois, todos os que outrora foram subjugados de acordo com Marx (2012) teriam segundo suas capacidades e necessidades, superando, portanto, a estrutura exploradora do velho modo de produção tirânico.

Obviamente, esta transição não é simples. Para efeito de compreender o tamanho do desafio de superar as relações impostas pelo Estado, é necessário recorrer

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

novamente a Mészáros (2015), que utiliza a imagem de uma montanha para representar o desafio de romper com a opressão. O desafio de destruir a dominação a qual o povo é submetido assume proporções imensuráveis, e mesmo o Estado podendo promover a resolução das sequelas e todo mal que abrange a sociedade, não consegue fazê-lo, tornando-se um dos principais contribuintes para o agravamento dos problemas (MÉSZÁROS, 2015).

As condições objetivas do tempo de La Boétie (2009) impediriam que esta proposta de retirar a base de apoio do colosso, tornasse seu pequeno programa de superação eficaz. Por esta razão, os autores supracitados afirmam que para a mudança acontecer é preciso que a classe oprimida assuma o papel de classe libertadora da sociedade, cujos interesses convirjam com os da sociedade em geral.

Se La Boétie (2009) não observou a lacuna presente entre a servidão do povo e a superação da mesma, com uma respectiva transformação social em grande

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

escala, este espaço não poderia levar seu texto ao descrédito, inclusive por suas limitações temporais e de classe. A obra de La Boétie, expressa o convite a uma reflexão sobre a situação vivenciada pela população. Seus equívocos e falta de um programa de superação mais coerente e menos idealista são frutos de seu tempo e concepções filosóficas de sua classe e não são merecedores de menosprezo. Evidentemente, La Boétie não escreve sua obra como um legado para as próximas gerações, ou em busca de uma revolução. O ensaio escrito pelo jovem de 18 anos demonstra que a liberdade que almejava para o “povo” (esclarecido) estava apenas no âmbito da liberdade de consciência. Liberdade para escolher entre ser servo de outro ou senhor de si mesmo: Liberdade burguesa.

Diante da ineficácia do programa proposto pelo autor francês, compreende-se que de fato há uma relação entre os que dominam em detrimento dos que são dominados, que este apoio dá forças ao poder do dominante da mesma forma que a atuação coletiva e

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

consciente é capaz de não só retirar a base de apoio, mas destruir aquele que oprime com a finalidade de instaurar uma nova sociedade promovendo a mudança.

Importa, neste momento, afirmar que La Boétie estava equivocado no sentido de como a superação da opressão ocorreria, mas sua obra cumpre o papel de realizar uma reflexão sobre as relações de tirania e desigualdade promovidas pelo Estado a fim de suscitar a indagação: “Por que servimos?” Obviamente, a leitura de sua obra não deve ser descontextualizada, mas realizada com a devida precaução como reflexão, conforme realizada neste estudo que preocupou-se em preencher as lacunas de seu pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a elaborar um estudo crítico sobre a obra de Etiénne de La Boétie, *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, utilizando de fontes bibliográficas que pudessem oferecer uma análise acerca do panorama histórico e social do século XVI, período em que se deu a escrita do texto.

A história da humanidade está repleta de exemplos em que pessoas conscientes de seu papel, questionaram as estruturas da sociedade e através de uma indagação filosófica ou através do confronto, contribuíram para a mudança e/ou para a compreensão que outra sociedade é possível.

Sob este prisma, o estudo realizado demonstrou que La Boétie pensou a liberdade do homem que perece sob o jugo da tirania. Pertencente à burguesia jurista de seu tempo, o autor antecipa a visão iluminista que considera a liberdade como um direito natural do homem e suscita indagações sobre o papel desempenhado pelo Estado como o que fundamenta aquilo que denominou servidão

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

voluntária, uma espécie de sentimento de afeição e carisma pela opressão desempenhada por outrem contra si mesmo.

Entretanto, La Boétie expressa que para a servidão voluntária ser perpetuada, é preciso que os homens estejam acostumados com esta condição e encantados com a possibilidade de servir, para um dia se tornar pequeno tirano. Sendo possível que esta condição seja superada com a prática consciente da amizade e a recusa em servir. Porém, a proposta é rasa que impregnada da filosofia humanista quando reforça a ideia de exaltação ao conhecimento e autonomia dos esclarecidos que possam recusar servir.

Por outro lado, seguindo pela concepção do autor, a obediência ao tirano não é apenas voluntária, mas uma forma de tirar proveito do poder ao qual se submete. Assim, o medo imposto seria apenas uma forma de ocultar a verdadeira intenção de participar da tirania e ter também seus subjugados. Diante de sua proposta, é importante lembrar que em momento algum La Boétie comenta sobre

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

a destruição da tirania através de uma rebelião ou revolução.

O que se passa em sua compreensão é que o tirano perderia sua força quando o povo se recusasse a servi-lo. A isto se subentende que se o povo se recusasse em participar de suas guerras de conquista ou até mesmo a contribuição dos impostos, retiraria a força da máquina burocrática que por fim, sem dinheiro, sem soldados para as batalhas, sem os cúmplices previamente esclarecidos pela razão, perderia sua base de sustentação caindo sobre seu próprio peso.

Porém, este estudo atesta que a proposta do autor é ineficaz, apresentando lacunas que expressam um desejo presente na burguesia de seu tempo, deixar de ser servo para ser senhor de si mesmo realizando a prática da desobediência. Mesmo no século XVI, diante de uma possibilidade de recusa, a população maciçamente camponesa, não teria meios nem condições materiais para sustentar o período pós-recusa.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

Obviamente, a prática da amizade e a recusa para retirar o poder do tirano, não correspondem a um anseio de retorno ao *estado de natureza*. As indagações suscitadas pelo jovem autor francês estão relacionadas à liberdade e natureza humana no que condiz a acumulação e riquezas nas mãos do estado. A libertação dos oprimidos não seria um acontecimento social e mudança estrutural, mas uma libertação no sentido do reconhecimento da igualdade natural. O problema da teoria de La Boétie reside no fato de aquilo que denominou servidão voluntária, teria poucas chances de ser superada no mundo real, conforme propôs.

A primeira barreira para superar a tirania conforme o autor idealizou, é a massa esclarecida. Sendo a grande massa do século XVI na França desprovida de meios que facilitem o acesso ao conhecimento, isso dificultaria a compreensão de sua condição de dominado e, conseqüentemente, a recusa ficaria a cargo apenas da burguesia e da nobreza letrada. Na tentativa de destinar sua indagação para o povo subserviente, o autor não

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

compreende ao menos as limitações que impediriam a superação e que fazem a grande massa servir ao tirano. Por outro lado, o terceiro mecanismo da servidão analisado neste estudo, a cumplicidade, faz que os dominados tenham a esperança de alcançar o poder, formando, portanto, a segunda barreira posto a extensão da rede de tirania.

Entretanto, é importante salientar que diante da ineficácia do breve plano de superação de La Boétie, as análises de Marx e Mészáros apresentam-se com maior rigor. Diferentemente da proposta do autor francês, que foi um homem de seu tempo, os autores supracitados expõem uma nova perspectiva na mesma medida que completam as lacunas presentes em seu pensamento. Sendo considerado um dos mais vibrantes hinos em favor da liberdade, segundo Linarth (2009) é necessário compreender que a mudança idealizada por La Boétie não se concretizaria na realidade objetiva.

Marx e Mészáros apresentam que a superação da ordem vigente só será possível através de uma

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

transformação na totalidade social, uma revolução que possa destruir as estruturas do sistema para pôr fim ao Estado. Sendo este um dos maiores equívocos de La Boétie, para além dos sujeitos que fariam esta recusa ou revolução, o autor falha ao cair no idealismo distanciando-se de uma proposta prática que poderia adequar-se à realidade objetiva. A revolução, não a recusa, seria o ponto máximo da transformação social. Longe de indagar-se acerca da eficácia de sua proposta contra a servidão, La Boétie expressa sua indignação quanto ao poder que fascina a população e a rede de apoio ao tirano. Posteriormente Marx é quem vai elaborar um estudo denso sobre a relação entre dominantes e dominados com sua respectiva proposta de superação coerente e fundamentada na estrutura da sociedade capitalista.

Por outro lado, enquanto jurista e conselheiro do parlamento francês, a visão de mundo de La Boétie sobre as massas estava permeada dos resquícios de sua própria classe próxima dos palácios, mas distante do povo, fazendo que no sentido objetivo e prático, sua proposta

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

ocupe a posição de uma utopia, mero exercício reflexivo conforme rotulado por Montaigne (1987) impossível e irrealizável. Contudo, compreendendo o contexto histórico, os preceitos filosóficos do humanismo e a classe social a qual o autor pertencia, sua obra não fica na posição de descrédito.

Este estudo traz como contribuição uma nova perspectiva acerca da temática da Servidão Voluntária. Diante do frágil plano de superação de La Boétie, a pesquisa expõe através de um olhar crítico a mensagem que prevalece no *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*, para além de suas lacunas e contradições: nenhum homem deve se colocar acima dos demais, subjugar a população nem mesmo ficar fascinado por eventual possibilidade de exercer a tirania. A opressão não pode ter o apoio alheio nem mesmo se perpetuar, seja nas relações verticais ou rede de tirania diante do fascínio pela possibilidade de ser senhor de outros.

REFERÊNCIAS

ABENSOUR, M. Sobre o uso adequado da hipótese da servidão voluntária. In: NOVAES, A. (org.). *O esquecimento da política*. São Paulo: Agir, 2007.

ALEKSANDROWICZ, A. M.; MINAYO, M. C. S. Humanismo, liberdade e necessidade: compreensão dos hiatos cognitivos entre ciências da natureza e ética. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 623–632, jul./set. 2005. ISSN 1678-4561.

ALMEIDA, A. F.; SILVEIRA, A. R. Uma releitura do poder no Estado absolutista. *Legis Augustus*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 69–84, jan./jun. 2013. ISSN 2179-6637.

ANDRADE, M. A. De Marx a Mészáros: a inseparável relação entre o Estado e a reprodução do capital. In: MELO, E.; PANIAGO, M. C. S.; ANDRADE, M. A. (orgs.). *Marx, Mészáros e o Estado*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. p. 11–28.

BIRD, C. *Introdução à filosofia política*. São Paulo: Madras, 2011. 335 p.

BURKE, P. *Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 49 p.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

CHAUÍ, M. *Contra a servidão voluntária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 205 p.

CLASTRES, P. Liberdade, mau encontro, inominável. In: CLASTRES, P. *Arqueologia da violência: pesquisa de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 108–119.

COSTA, E. A. *No caminho com Maiakóvski: poesia reunida*. São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 47–49.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 3. ed. São Paulo: Escala, 2009. 192 p.

FABRE, S. G. Vida e obra de Étienne de La Boétie. In: LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009. v. 8, p. 9–29.

FELIX, L. *Discurso da servidão voluntária*. 2007. Disponível em: http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2007_11_Boetie.html. Acesso em: 30 dez. 2015.

HOBBS, T. *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009. 495 p.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manuel Odorico Mendes. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2003. 336 p.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009. 77 p.

LE ROY, L. E. *História dos camponeses franceses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 544 p.

LEFORT, C. Ainda sobre o nome de um. *Discurso*, São Paulo, n. 35, p. 117–127, 2005. ISSN 2318-8863.

LINARTH, C. Um grito de liberdade. In: LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 13–25.

LOPES, J. G. Thomas Hobbes: a necessidade da criação do Estado. *Griot – Revista de Filosofia*, Amargosa, BA, v. 6, n. 2, p. 170–187, dez. 2012. ISSN 2178-1036.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe: comentado por Napoleão Bonaparte*. 12. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007. 184 p.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel: 1843*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010. 176 p.

MARX, K. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012. 144 p.

MATEUS, J. Uma leitura do discurso sobre a servidão voluntária. *Kairos – Revista de Filosofia & Ciência*, Lisboa, v. 12, p. 95–110, 2015. ISSN 1647-659X.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

MÉSZÁROS, I. A ordem da reprodução sociometabólica do capital. In: MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 94–132.

MÉSZÁROS, I. *A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2015. 184 p.

MÉSZÁROS, I. Ideologia e ciência social. In: MÉSZÁROS, I. *Filosofia, ideologia e ciência social*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 115–151.

MONTAIGNE, M. Sobre a amizade. In: MONTAIGNE, M. *Ensaio*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 281 p.

MURARO, M. *A ideologia da servidão voluntária*. 2012. Disponível em: http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Boetie/a_ideologia_da_servidao_voluntaria.pdf. Acesso em: 19 nov. 2015.

OLIVEIRA, E. G. *A servidão voluntária*. 2006. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2006/5.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PANIAGO, M. C. S. *A montanha que devemos conquistar*. 2015. Disponível em: <http://marxismo21.org/wp->

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

[content/uploads/2014/05/A_Montanha_que_Developamos_Conquistar_Cristina_Paniago.pdf](#). Acesso em: 24 fev. 2016.

PAULA, A. P. P.; MARANHÃO, C. M. S. A. Opressão e resistência nos estudos organizacionais críticos: considerações acerca do discurso da servidão voluntária e da pedagogia do oprimido. *Organizações & Sociedade*, v. 16, n. 50, art. 4, p. 463–477, 2009. ISSN 1984-9230.

PRICE, R. *História concisa da França*. São Paulo: Edipro, 2016. 543 p.

RABELO, S. A. *Discurso sobre a servidão voluntária de Étienne de La Boétie*. 2009. Disponível em: http://pasunb.weebly.com/uploads/1/1/0/7/11074094/analise_discurso_sobre_a_servidao_voluntaria.pdf. Acesso em: 30 dez. 2015.

RINALDI, D. A. Subjetividade hoje: os paradoxos da servidão voluntária. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9–22, jan./jun. 2001. ISSN 1809-4414.

ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Porto Alegre: L&PM, 2013. 173 p.

ROUSSEAU, J. J. *Textos filosóficos: seleção de textos*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura). 103 p.

Contra a tirania: Repensando a servidão voluntária.

SILVA, E. C. Aspectos da dominação: uma leitura do Discurso da servidão voluntária. *Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas*, Ourinhos, SP, n. 2, p. 1–15, 2004. ISSN 1679-9267.

SOUSA, G. C. Lugar incomum: a disposição gratuita para satisfazer o tirano. *Griot – Revista de Filosofia*, Amargosa, BA, v. 8, n. 2, p. 85–92, dez. 2013. ISSN 2178-1036.

STANGROOM, J.; GARVEY, J. *Os grandes filósofos*. São Paulo: Madras, 2009. p. 40–45; 52–57; 106–111.

TONETI, E. D. Discurso da servidão voluntária: relações de força e liberdade na obra de La Boétie. *Revista de Filosofia*, Curitiba, PR, v. 21, n. 28, p. 165–191, jan./jun. 2009. ISSN 0104-4443.

Neste livro provocador, o leitor é convidado a repensar os mecanismos da dominação e da obediência à luz da obra clássica de Étienne de La Boétie: Discurso sobre a Servidão Voluntária. Escrito no século XVI, esse discurso é analisado com profundidade histórica e filosófica para compreender por que multidões se submetem à tirania de um só.

Em Contra a Tirania: Repensando a Servidão Voluntária, o autor explora o paradoxo entre liberdade e submissão, revelando como o hábito, a covardia e a cumplicidade alimentam o poder do tirano. Sem propor receitas prontas, a obra afirma que o simples ato de “decidir não servir” já é um gesto radical de liberdade e consciência crítica. Um convite urgente à resistência em tempos sombrios!



SUA FEIRA DE LIVROS